



PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO

1

MATERIAL DO
PROFESSOR

Filosofia

CIÊNCIAS HUMANAS
E SUAS TECNOLOGIAS

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO
PRÉ-VESTIBULAR 1
Ciências humanas e suas tecnologias.
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

Vice-presidência de Educação	Juliano Melo Costa
Gerência editorial nacional	Alexandre Mattioli
Gerência de produto	Silvana Afonso
Autoria	Stefano Schiavetto Aman
Coordenação editorial	Luiz Molina Luz, Luciano Delfini
Edição de conteúdo	Luciano Delfini, Raíssa Furlanetto Cardoso
Leitura crítica	Fernanda Paniguel Teixeira
Preparação	Luciano Delfini
Revisão	Fernanda Nascimento
Gerência de Design	Cleber Figueira Carvalho
Coordenação de Design	Diogo Mecabo
Edição de arte	Alexandre Silva
Assistência de arte	Débora Lima
Coordenação de pesquisa e licenciamento	Maiti Salla
Pesquisa e licenciamento	Cristiane Gameiro, Heraldo Colon, Andrea Bolanho, Sandra Sebastião, Shirlei Sebastião
Ilustrações	Carla Viana
Cartografia	Allmaps
Projeto Gráfico	Ápis Design integrado
Diagramação	Editorial 5
Capa	Ápis Design integrado
Imagem de capa	inoby/istock
Produtor multimídia	Cristian Neil Zaramella
PCP	George Baldim

Todos os direitos desta publicação reservados à
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina. 1193 - Água Branca
São Paulo, SP – CEP 05036-001
Tel. (11) 3521-3500

www.pearson.com.br

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.


O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Extensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco



Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco



IM/AMEMBER/ISTOCK

FILOSOFIA

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

1

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

- O conceito de filosofia
- A origem do pensamento filosófico

HABILIDADES

- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Comparar pontos de vista expressos em textos analíticos e interpretativos.
- Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

Estabelecer um relato da existência humana desde seus primórdios significa considerar sua relação com a natureza. A capacidade de leitura das ocorrências contínuas do meio natural pelas comunidades humanas do globo terrestre possibilitou a produção de conhecimentos imprescindíveis para sua sobrevivência e posterior desenvolvimento. Alguns grupos humanos produziram noções elementares que nortearam a própria organização, definindo um espaço diferenciado em que a comunidade poderia viver com mais conforto e segurança, denominado “segunda natureza”. Enquanto o homem aperfeiçoava técnicas que visavam a seu bem-estar, criavam-se cidades e constituíam-se hierarquias, fatores suficientes para fornecer características a civilizações complexas.

Esse processo civilizacional foi inaugurado no Oriente — Mesopotâmia e Egito —, por volta de 4 000 anos a.C., tendo por base o trabalho agrícola às margens de seus importantes rios. As chamadas civilizações hidráulicas orientais forjaram conhecimentos variados que tinham como suporte, na maioria das vezes, justificativas de origem mítica. As tarefas produtivas, as hierarquias sociais e as considerações de conformação do homem diante de uma realidade por vezes hostil tinham explicações fantásticas, pautadas por visões místicas e carregadas de sentimento religioso dos grupos humanos que ali habitavam.

Mais tarde, no Ocidente, houve o influxo de migrações de povos arianos para a região balcânica, o que acarretou o desenvolvimento de outro tipo de civilização, denominada clássica. Aqueus, eólios, jônios e dórios constituíram as bases de um mundo marcado, entre outros aspectos, por uma mitologia que justificava certas práticas econômicas, sociais e políticas. Tais mitos colocavam o homem em evidência, interagindo com os deuses e ocupando espaço especial nesse mundo fantástico. A partir disso, entende-se o percurso de algo conhecido por filosofia. Esse caminho rumo a ela foi demorado, pois se passaram séculos até que o homem ocidental descartasse as explicações fantásticas que apelavam para uma atuação das divindades e passasse a explicar o universo, a natureza, suas relações sociais, políticas e econômicas de forma considerada racional. Essa trajetória constitui parte do nosso estudo, ao qual se agregam as derivações importantes que compõem o campo da disciplina filosófica até nossos dias.

O conceito de filosofia

Mesmo que se atenha ao significado tradicional de filosofia (amor pelo saber), é importante entender que houve várias abordagens para seu conceito e significado ao longo do tempo. E apesar dessas diferentes conceituações, a filosofia sempre se distinguiu das demais formas de conhecimento.

A filosofia é diferente da ciência, que utiliza metodologias e teorias que objetivam coletar evidências, analisar, sintetizar e verificar a veracidade de objetos naturais e humanos, sempre preocupada com o rigor da correspondência entre a teoria e a empiria. É diferente, também, da religião, cujo conhecimento deriva da fé em entidades sobrenaturais e, frequentemente, in-

questionáveis. Distinque-se também do senso comum, cujo conhecimento deriva de experiências, tradições e costumes, frequentemente acríticos e ausentes de reflexões. Vejamos, nas palavras de Nicola Abbagnano, o conceito de filosofia e suas especificidades em relação às demais formas de conhecimento:

A disparidade das filosofias tem por reflexo, obviamente, a disparidade de significações de “filosofia”, o que não impede reconhecer nelas algumas constantes. Destas, a que mais se presta a relacionar e articular os diferentes significados desse termo é a definição contida no Eutidemo de Platão: filosofia é o uso do saber em proveito do homem. Platão observa que de nada serviria possuir a capacidade de transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse utilizar a imortalidade, e assim por diante. É necessária, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber utilizar o que é feito, e esta ciência é a filosofia [...]. Segundo esse conceito, a filosofia implica: 1º) posse ou aquisição de um conhecimento que seja, ao mesmo tempo, o mais válido e o mais amplo possível; 2º) uso desse conhecimento em benefício do homem. Esses dois elementos ocorrem frequentemente nas definições de filosofia em épocas diversas e sob diferentes pontos de vista. São reconhecíveis, por exemplo, na definição de Descartes, segundo a qual “esta palavra significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se entende somente a prudência nas coisas, mas um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode conhecer, tanto para a conduta de sua vida quanto para a conservação de sua saúde e a invenção de todas as artes” [...]. Encontram-se igualmente na definição de Hobbes, segundo a qual a filosofia é, por um lado, o conhecimento causal e, por outro, a utilização desse conhecimento em benefício do homem [...] bem como na de Kant, que define o conceito cósmico da filosofia (o conceito que interessa necessariamente a todos os homens) como o de “ciência (conhecimento) da relação do conhecimento à finalidade essencial da razão humana” [...]. Essa finalidade essencial é a “felicidade universal”; portanto, a filosofia “refere tudo à sabedoria, mas através da ciência (conhecimento)”. Não tem significação diferente a definição de filosofia dada por Dewey, como “crítica dos valores”, no sentido de “crítica das crenças, das instituições, dos costumes, das políticas, no que se refere seu alcance sobre os bens”.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 442. (Adaptado).

Portanto, apesar de suas modificações ao longo da história, a filosofia conserva esta especificidade: busca **racional** do saber para aplicar em benefício

da humanidade, tanto sobre as coisas do mundo como sobre a conduta das pessoas. É importante o destaque para o “racional”; afinal, a filosofia utiliza sempre a razão (e não a fé e nem a metafísica) para a busca do conhecimento. Para atingir seu objetivo, a filosofia levanta questões sobre ética, moral, estética, valores, política, religiosidade, felicidade, arte, ciência, direito e tantas outras já estudadas e porvir. Assim como sua organização e motivação, a filosofia busca, portanto, um conhecimento que se modifica conforme a história, as preocupações e as percepções do homem.

CONCEITOS E FUNÇÕES DA FILOSOFIA

A tradição atribui a Pitágoras a criação da palavra filosofia, da qual deriva o termo filósofos. Estes seriam homens que, por ocasião dos jogos olímpicos, se reuniam para debater problemas e ideias, sem interesse nas competições e respectivas honrarias ou recompensas; apenas se dedicavam ao saber, sem esperar nada além do próprio conhecimento.

Dessa forma, chega-se à primeira definição de filosofia, a etimológica, extraída da análise da própria palavra.

Filosofia é uma palavra grega que une duas palavras: *philo*, que corresponde àquele ou àque-la que tem um sentimento de amor, e *sophia*, que quer dizer sabedoria.

Filosofia, portanto, é o amor pelo conhecimento, pela verdade. Um sentimento que não espera outro resultado além do próprio conhecimento, firme e fundamentado, avesso a opiniões variáveis e inconstantes.

Essa definição remete a algumas questões. Em primeiro lugar, está embasada na concepção de que o conhecimento humano sobre a realidade é finito e que o homem está longe de saber tudo sobre a realidade que o cerca, dominá-la completamente. A noção de filosofia como “amizade pelo saber” é perfeitamente corroborada pela máxima socrática “Só sei que nada sei”. Como o conhecimento é restrito diante da imensidão da realidade e do universo, da *physis*, segundo o termo empregado pelos primeiros filósofos, cabe ao homem permanecer no caminho, jamais abandonar a busca incessante pelo saber. Nisto consiste o ato de filosofar.

Pode-se formular uma segunda interpretação da filosofia com base na característica mais marcante do ser humano, a capacidade racional. O fato de o homem pensar antes de agir leva a caracterizá-lo como ser consciente. Ele executa antes em pensamento o que realiza depois de modo concreto e efetivo. Exemplo: somente se constrói uma ponte depois que o engenheiro a projetar.

Como a filosofia consiste essencialmente na re-

flexão, quando se pensa sobre o próprio pensamento, a atividade filosófica contribui para aprimorá-lo, encontrando reflexos diretos na ação, que é então aperfeiçoada. Tome-se como exemplo uma ação executada de forma tempestuosa, irrefletida, em meio a um acesso de raiva. Qual o resultado dela?

Uma terceira interpretação para a filosofia, extraída de um problema clássico estudado pelos filósofos e que hoje se constitui num dos grandes temas da psicologia, diz respeito às relações entre pensamento e linguagem. É possível pensar sem usar a linguagem? Quando se debruça sobre uma equação complexa, um matemático está pensando por meio da linguagem matemática. Da mesma forma, o pintor precisa da linguagem das artes plásticas e o compositor, da linguagem musical. O filósofo, por sua vez, lança mão da linguagem discursiva, que é a mesma empregada na comunicação do dia a dia, para expressar desejos, frustrações e expectativas.

Segundo o psicólogo Lev Vygotsky (1896-1934), na obra *Pensamento e linguagem*, cabe à linguagem o importante papel de organizar e estruturar os pensamentos, demonstrando que ela não é mera expressão do que pensamos, uma vez que organizamos os pensamentos por meio da linguagem e de sua estrutura semântica e gramatical. Vygotsky também afirma: 1) a aprendizagem de conteúdos escolares e de suas linguagens correlatas é essencial ao desenvolvimento humano; 2) quanto maior o número de linguagens disponibilizadas aos alunos, tanto maior será seu desenvolvimento. Daí a importância de lhes ensinar música e matemática, considerando que são linguagens distintas da discursiva.

A filosofia tem uma linguagem precisa, na medida em que a reflexão filosófica exige total exatidão no emprego dos termos, evitando ambiguidades e contradições. René Descartes, um dos autores mais característicos nesse sentido, foi extremamente objetivo no uso da linguagem, pois apenas dessa maneira conseguia expressar corretamente suas reflexões. A amplitude e o alcance da reflexão filosófica exigem o emprego de termos extremamente gerais e abstratos, capazes de expressar o pensamento filosófico. Considere o seguinte exemplo: talvez seja relativamente fácil definir um ser vivo qualquer, como a borboleta. Mas qual a correta definição de “vida”? Com certa facilidade, consegue-se definir uma bela casa. Mas, e quanto a definir a beleza em si mesma?

Dessa forma, chega-se à terceira definição de filosofia: trata-se de uma disciplina conceitual, que busca definir com precisão os termos que emprega, para tornar exata a compreensão do que se diz. Logo, a filosofia exige o correto emprego das palavras, envolvendo busca constante para reformar a linguagem, usando-a de forma precisa, questão que se torna tanto mais problemática quanto mais geral for o problema estudado.

Também se emprega a palavra filosofia em sentidos que pouco têm a ver com seu real significado. Para isso, basta consultar um dicionário. De qualquer forma, pode-se definir *filosofia* como sinônimo do simples ato de pensar ou filosofar, quer seja sobre o significado da vida após a morte de um ente querido, por exemplo; como sinônimo de uma vida virtuosa — neste caso, usa-se a expressão “filosofia de vida”; e consideram-se os diversos tipos de sabedoria oriental como filosofia; como sinônimo de divagações complexas e aparentemente impenetráveis — quando se diz que alguém está filosofando sobre certo aspecto da realidade.

A origem do pensamento filosófico

Os gregos representam os primeiros grupos humanos a desenvolver o pensamento filosófico, isto é, a buscar explicação racional para a origem e o funcionamento do mundo e da totalidade que o engloba, chamada por eles de cosmos. A **cosmologia** representa um passo determinante na formação do pensamento grego, pois corresponde à primeira tentativa de um grupo humano de abandonar suas explicações mítico-religiosas (cosmogonia) e partir rumo à explicação lógico-racional para a origem e a organização do mundo.

A passagem do mito para a filosofia tem relação com o surgimento da pólis (cidade-Estado) e com uma série de transformações do mundo grego na transição da fase homérica (séculos XII a VIII a.C.) para a arcaica (séculos VIII a VI a.C.).

O distanciamento da visão de que os deuses teriam participado da origem do mundo — cosmogonia — foi um dos fatores que contribuíram para a elaboração do caminho filosófico, pois, na impossibilidade de uma crença nas divindades como força criadora e definidora do universo, houve uma busca por explicações materiais e tangíveis — cosmologia. A origem de tal distanciamento situa-se na **visão antropocêntrica** de mundo que, de alguma forma, já se expressava nos elementos míticos da cultura grega da fase homérica. O antropocentrismo, nesse aspecto, foi essencial para os homens passarem a perseguir explicações colhidas das observações naturais do cotidiano, e não mais das intervenções divinas de deuses, passo essencial para a superação da religião e do mito, a incorporação do *logos* e da curiosidade natural quanto ao funcionamento de tudo.

Por sua vez, tal passagem ocorre com o surgimento do *thauma*, ou seja, o “espanto” que Aristóteles identificou como essência do pensar grego, aquilo que efetivamente diferencia o grego antigo dos demais povos do período. Tal “espanto” é a base em que se sustenta a filosofia, a curiosidade que empurra o homem em direção às indagações. Dessa for-

ma, surgem questões do tipo: “Por que as coisas são como são?”; “Qual a razão de estarmos no mundo?”; “Do que é feito e de onde veio o todo?”. Tal processo veio de lento abandono da visão mitológica e adoção do pensar/questionar filosófico. E quais fatores são responsáveis pelo despertar do *thauma*?

Surgimento da filosofia na Grécia Antiga

O mapa representa as rotas comerciais marítimas e terrestres que resultaram da colonização grega no Mediterrâneo, a partir do século VIII a.C. A pacificação dórica e o consequente crescimento populacional superior à capacidade produtiva da Península Balcânica levaram os gregos ao contato com outros povos. Esse fato acabou por influenciar a visão de mundo, contribuindo, ainda que indiretamente, para o surgimento do pensamento filosófico.



De modo geral, o nascer da filosofia está diretamente associado ao modelo de organização das comunidades gregas, o que começou efetivamente no século VIII a.C., logo depois de superada a fase de invasões dóricas, iniciada quatro séculos antes, por volta do século XII a.C.

A pacificação dos dórios possibilitou o crescimento populacional, gerando um problema estrutural. Afinal, a Península Balcânica carecia de recursos naturais para garantir o sustento de seus habitantes. Além disso, a reorganização política do mundo grego no período está associada ao surgimento da propriedade privada da terra. Esses foram os fatores que impulsionaram a **expansão dos gregos pelo Mediterrâneo**, em busca de novas regiões para se fixar, plantar e produzir, fugindo do domínio dos proprietários de terra das primeiras pólis gregas.

SEGUNDA DIÁSPORA GREGA

A vida na pólis é outro fator relevante para o nascimento da filosofia. A **vida urbana** diferia da campestre, desde os afazeres até a sensação de passagem do tempo, em função das atividades cidadinas. O dinamismo da pólis também foi acompanhado pelo surgimento de novos grupos sociais, como o dos ricos comerciantes, diretamente ligado às consequências da segunda diáspora grega. Eles passaram a disputar o poder, substituindo a aristocracia agrária que havia fundado as pólis.



Ruínas do Partenon, templo dedicado à deusa Atena, construído no século V a.C., na Acrópole de Atenas.

O comércio teve como consequência importante a reestruturação social, política, econômica e cultural grega. As **viagens marítimas** possibilitaram contato com povos de diferentes culturas, impulsionando ainda mais a curiosidade helênica. A percepção de visões díspares de mundo teria beneficiado o questionamento dos mitos, favorecendo o *thauma* (espanto). Somaram-se a isso a criação e a disseminação do **uso da moeda**, instrumento de troca que ampliou, ao lado do desenvolvimento da **escrita**, a capacidade grega de abstração. Tal processo propiciou, de alguma forma, a elaboração de pensamentos mais abstratos, fundamentados numa preocupação lógica. Mais que isso: preparou terreno para o elemento diretamente responsável pelo surgimento da filosofia: a **política**. O termo derivou da ideia de espaço público, onde os cidadãos tomavam decisões para determinar o destino da cidade-estado grega, a pólis.

A organização política nucleada e autônoma como a grega era uma revolução para o período marcado por estruturas despóticas e imperiais de poder, como as da região oriental. No caso grego, o conjunto de cidadãos deveria manifestar-se para preservar o bem público, prática incentivada que dependia de contínuo debate e oposição de ideias, espaço fértil para o surgimento de pensadores livres que dominavam a arte da retórica.



Nota-se na imagem um contraste temporal de mais de 2000 anos. Ao centro, as ruínas do templo de Zeus, cuja construção terminou no século II a. C. Ao redor, a atual cidade de Atenas.

LEITURA COMPLEMENTAR

A origem grega do conceito filosófico de política

Entrevista da Revista francesa *L'Histoire* ao filósofo Jean Pierre Vernant

L'Histoire — Para começar, os gregos inventaram a política e a democracia?

Vernant — Certamente que sim, eles inventaram uma e outra. A partir do século VII a.C., vemos surgir na Grécia um comportamento social, práticas institucionais que constituem, na verdade, o que podemos chamar o nascimento da política. Em todas as grandes civilizações que precederam a civilização grega, e de que ela foi tributária (assírio-babilônica, egípcia, fenícia, cretense), não se tinha visto nada comparável. [...] Pode-se dizer, para resumir as coisas, que nesse mundo mediterrâneo [anterior ao grego] o rei cumpre um papel essencial. Ele tem em si algo de divino, ele é o intermediário entre os deuses e os homens. O grupo humano se encontra, em relação ao poder, à soberania, numa situação de inferioridade, de submissão e de obediência: a palavra do rei, sua decisão, os meios militares de que ele dispõe são incomensuráveis ao cotidiano de seus súditos. O que vemos surgir na Grécia, nesse contexto? Algo de totalmente novo: a ideia de que só existe sociedade humana digna desse nome se essa soberania de valor quase religioso se achar despessoalizada e, para falar como os gregos, situada no centro, ou seja, se ela se tornar uma coisa comum. Só pode haver vida social se todos os membros de uma comunidade tiverem direitos iguais para gerir os interesses comuns — o que é também um modo de instaurar uma diferença entre o público e o privado.

VERNANT, Jean Pierre. *Os gregos inventaram tudo*. Tradução: José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 31 out. 1999. p. 4-5. (Adaptado).

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

ROTEIRO DE AULA

A FILOSOFIA E AS DEMAIS FORMAS DE CONHECIMENTO

Filosofia

Busca racional do saber objetivado para uso em benefício da humanidade, tanto sobre as coisas do mundo como sobre a conduta das pessoas.

Ciência e sua diferença em relação à filosofia

Forma de conhecimento racional que utiliza metodologias e teorias específicas e que depende da coleta de evidências, análise, síntese e verificação. Diferentemente da filosofia, a ciência é mais rigorosa na verificação dos conhecimentos que produz. Além disso, a filosofia é mais propositiva sobre os temas que estuda.

Cosmogonia e sua diferença em relação à filosofia

Explicação mítica sobre a origem e a transformação do mundo (cosmos). Difere da filosofia, a qual adota a razão como instrumento para geração do conhecimento.

Religião e sua diferença em relação à filosofia

Forma de conhecimento cujo saber deriva de entidades sobrenaturais e frequentemente inquestionáveis. Diferentemente da filosofia, a religião é dogmática e não questiona os fundamentos da fé.

ROTEIRO DE AULA

Senso comum e sua diferença em relação à filosofia

Forma de conhecimento cujo saber deriva de tradições, costumes e experiências de vida. Diferentemente da filosofia, o senso comum não é crítico ou questionador dos conceitos aprendidos em sociedade.

Senso crítico e sua diferença em relação à filosofia

Forma de conhecimento cujo saber deriva do questionamento de sentidos comuns; com auxílio da ciência, da ética e até da filosofia, permite ao indivíduo rever seu olhar sobre a realidade e, consequentemente, superar eventuais preconceitos, alienações e demais impedimentos para uma vida crítica, justa e que preze pela igualdade entre todos. Difere da filosofia, uma vez que o senso crítico não é uma disciplina acadêmica, que analisa diferentes obras filosóficas para prover respostas sobre uma questão tradicional da filosofia.

Relação entre Grécia Antiga, filosofia e política

A origem da política é grega, especialmente no período filosófico. A Grécia Antiga diferenciou-se das demais sociedades de sua época porque rompeu:

- (1) com explicações míticas sobre o funcionamento do mundo natural e do mundo humano;
- (2) destituiu a divindade dos reis;
- (3) instaurou uma organização social pautada no debate público e na criação de regras entre iguais. Apesar da exclusão das mulheres, dos escravos e dos estrangeiros dessa condição de igualdade, a Grécia inaugurou a condição da igualdade e do uso da razão para criar uma boa vida em sociedade.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unicentro-PR – Quando, perante certas ações cotidianas, questiona-se: “Será?” ou “Por quê?,” fica-se a colocar essa ação ou pensamento sob o crivo da dúvida.

Nesse sentido, pode-se afirmar:

- a) No pensamento filosófico, a dúvida evidencia uma postura vacilante e desprovida de sentido.
- b) Enquanto atividade filosofante, o sujeito deve afastar-se substancialmente das dúvidas essenciais.
- c)** A atitude filosofante é inerente ao sujeito que, em suas manifestações existenciais, promove a dúvida.
- d) A dúvida metódica consiste no impedimento gnosiológico, uma vez que dificulta o processo de conhecimento.
- e) A dúvida metódica representa o cerne da reflexão dogmática, na direção de conquistas de mudanças de paradigmas.

Essa questão pretende mostrar a importância da filosofia para a vida cotidiana. Ao mesmo tempo em que a filosofia é uma forma de conhecimento acadêmica, construída a partir dos tratados de filósofos ao longo da história, a atitude filosófica consiste no questionamento conceitual por indivíduos que colocam em dúvida conhecimentos tradicionais, costumes e experiências pessoais. Essa atitude é importante para o questionamento de sentidos comuns e de demais formas de conhecimento que possam carregar preconceitos e injustiças.

2. UEG-GO

Será preciso ter saudade do tempo em que os filósofos eram ao mesmo tempo cientistas? Seria ingenuidade. Se hoje os cientistas não têm mais necessidade dos filósofos nem, sobretudo, de se fazer filósofos, é na medida em que seus métodos estão em ordem, seus conceitos são universalmente admitidos e as querelas científicas rareiam. Que apareçam contradições [...], que nasçam controvérsias [...], e bem depressa o cientista volta a tornar-se filósofo.

LEBRUN, Gérard. “O papel do espaço na elaboração do pensamento kantiano”.

Dentre as diversas formas de se caracterizar a relação entre o saber científico e o filosófico elencadas abaixo, indique a que **não** se coaduna com a apresentada no trecho acima.

- a) A filosofia esteve presente nas formulações pioneiras que conferiram estabilidade a diversos campos da investigação científica.
- b) A filosofia e a ciência se separam desde a Revolução Científica, mas isso não quer dizer que sejam atividades estanques, sem relação alguma.
- c) A partir do instante em que os cientistas se tornam confiantes em seus métodos e conceitos, a reflexão filosófica acerca desse domínio deixa de lhes interessar.
- d) Os problemas filosóficos associados às ciências têm maior interesse quanto menor for a segurança dos cientistas em suas descrições da realidade.
- e)** As contradições e controvérsias na ciência são o resultado de reflexões tipicamente filosóficas, conduzidas seja por filósofos, seja por cientistas que se fazem filósofos.

Ao nos atentarmos ao excerto de Lebrun, percebemos que não há apoio à distância da filosofia em relação à ciência, mas uma ironia sobre a ilusão da desnecessidade do pensamento filosófico sobre a ciência. Entretanto, a ciência também revisa o próprio “fazer científico”, não sendo isso papel exclusivo da filosofia – o que torna a alternativa E incorreta.

3. Unesp-SP

A genuína e própria filosofia começa no Ocidente. Só no Ocidente se ergue a liberdade da autoconsciência. No esplendor do Oriente desaparece o indivíduo; só no Ocidente a luz se torna a lâmpada do pensamento que se ilumina a si própria, criando por si o seu mundo. Que um povo se reconheça livre, eis o que constitui o seu ser, o princípio de toda a sua vida moral e civil. Temos a noção do nosso ser essencial no sentido de que a liberdade pessoal é a sua condição fundamental, e de que nós, por conseguinte, não podemos ser escravos. O estar às ordens de outro não constitui o nosso ser essencial, mas sim o não ser escravo. Assim, no Ocidente, estamos no terreno da verdadeira e própria filosofia.

HEGEL. *Estética*, 2000. (Adaptado).

De acordo com o texto de Hegel, a filosofia

- a) visa ao estabelecimento de consciências servís e representações homogêneas.
- b) é compatível com regimes políticos baseados na censura e na opressão.
- c) valoriza as paixões e os sentimentos em detrimento da racionalidade.
- d)** é inseparável da realização e expansão de potenciais de razão e de liberdade.
- e) fundamenta-se na inexistência de padrões universais de julgamento.

Segundo Hegel, a filosofia tem seu nascimento derivado de uma cultura grega que passa a valorizar a razão humana como instrumento de desenvolvimento dos potenciais humanos para busca e aplicação de conhecimentos. Além disso, essa cultura grega valoriza a liberdade do pensamento, ou do uso da razão para explicação do surgimento e do funcionamento da natureza e da sociedade. Se a filosofia depende do uso da razão por pessoas livres, não é possível numa sociedade tirânica.

4. Unicentro-PR

Não é possível aprender qualquer filosofia; [...] só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes confirmando-os ou rejeitando-os.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 407.

Sobre o processo do filosofar, considere as afirmativas abaixo e assinale a alternativa **incorreta**.

- a) A passagem de Kant serve para advertir que, mesmo estudando o pensamento dos grandes filósofos, o indivíduo deve aprender a filosofar, a exercer o direito de refletir por si próprio.
- b) A atividade de filosofar é, sobretudo, a experiência de um pensar permanente. Diferente do dogmatismo, a filosofia não apresenta verdades acabadas; ao contrário, convida à discussão.
- c) Mais do que um saber, a filosofia é uma atividade diante da vida, tanto no dia a dia como nas situações que exigem decisões cruciais.
- d) Quanto à tradição filosófica, é preferível não recebê-la passivamente, como um produto, como algo acabado, mas compreendê-la como um processo, como reflexão crítica e autônoma a respeito da verdade.
- e)** A filosofia, por estar no campo do pensamento, está à margem do mundo e da própria realidade circundante, constituindo um conjunto de saberes incontestáveis.

A filosofia não apresenta saberes incontestáveis, mas contestáveis, já que vale-se do uso da razão para propor conhecimentos passíveis de revisão, contra-argumentação e legitimação socio-histórica. Esse procedimento da filosofia vincula-se com a realidade circundante e trata de questões mundanas.

5. Unioeste-PR – Referindo-se à filosofia, Montaigne escreve:

É singular que em nosso século as coisas sejam de tal forma que a filosofia, até para as pessoas inteligentes, seja um nome vão e fantástico, que se considera de nenhum uso e de nenhum valor, tanto por opinião como de fato. Creio que a causa disso são esses ergotismos [que significa abuso de silogismos na argumentação] que invadiram seus caminhos de acesso. É um grande erro pintá-la inacessível às crianças e com um semblante carrancudo, sobranceiro e terrível. Quem a mascarou com esse falso semblante, lívido e medonho? Não há nada mais alegre, mais jovial, mais vivaz e quase digo brincalhão. Ela só prega festa e bons momentos. Uma fisionomia triste e inteiriçada mostra que não é ali sua morada.

(MONTAIGNE I, 26, p. 240).

Depois de ler o texto acima, atentamente, assinale a alternativa **correta**.

- a) Montaigne entende que a filosofia destina-se somente a algumas pessoas muito inteligentes, pois é inacessível para a maioria delas.
- b) Montaigne considera que a filosofia é carrancuda e triste porque é crítica e precisa assustar as pessoas.
- c) Montaigne concorda que a filosofia é um nome vão e fantástico: não tem nenhum uso e nenhum valor para as pessoas inteligentes.
- d) Montaigne argumenta que a filosofia é brincalhona e jovial, aberta a muitos, inclusive para as crianças.**
- e) Montaigne julga que a filosofia deve ser sempre terrível e se contrapor à festa e à alegria.

Montaigne utiliza de afirmações precisas e, por vezes, irônicas sobre o problema de considerar a filosofia ora como vã ora como restrita a especialistas. Ao contrapor a esse senso comum, Montaigne defende o caráter brincalhão e jovial (em contraponto a um caráter ultrapassado e de seriedade antipática), aberto a muitos e inclusive crianças (em contraponto a uma restrição acadêmica da filosofia, a qual é de amplo valor para a vida cotidiana de não especialistas).

6. Unesp-SP

Dogmatismo vem da palavra grega dogma, que significa: uma opinião estabelecida por decreto e ensinada como uma doutrina, sem contestação. O dogmatismo é uma atitude autoritária e submissa. Autoritária porque não admite dúvida, contestação e crítica. Submissa porque se curva a opiniões estabelecidas. A ciência distingue-se do senso comum porque esta é uma opinião baseada em hábitos, preconceitos, tradições cristalizadas, enquanto a ciência baseia-se em pesquisas, investigações metódicas e sistemáticas e na exigência de que as teorias sejam internamente coerentes e digam a verdade sobre a realidade.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*, 1994. (Adaptado).

a) Cite duas implicações políticas do dogmatismo.

A resposta deve conter consequências para pessoas ou sociedades que aceitam conhecimentos sem contestação e, portanto, estão impedidas de perceber preconceitos e injustiças, de executarem o livre pensamento e de proporem regras sociais que lhes interessam. Uma implicação política é o estabelecimento de governos autoritários e conservadores que impõem censuras e impedem a livre expressão dos cidadãos. Outra, o uso da força e a violência, por esse regime de governo, para imposição de regras e valores preferidos pela elite governante.

b) Do ponto de vista da objetividade, explique por que o conhecimento científico é superior ao senso comum.

O conhecimento científico é superior ao senso comum porque resulta do questionamento e da investigação da realidade, em vez de apenas acreditar em tradições e costumes. Essa crença, que se aproxima do dogmatismo, pode favorecer a manutenção e perpetuação de preconceitos e injustiças sociais, já que não são questionados. A ciência ocupa o papel de questionar, coletar evidências, analisar, sintetizar e verificar o conhecimento que produz, com o objetivo de expor uma resposta esclarecedora sobre fatos naturais e sociais. A ciência, entretanto, não é capaz de guiar a sociedade, mas é uma ferramenta importante para o esclarecimento e a tomada de decisões.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unicentro-SP – Sobre a democracia de Atenas, durante o período Clássico, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Embora democracia e escravidão sejam expressões contraditórias, não seria exagero afirmar que a democracia de Atenas se apoiava na escravidão.
- b) Platão criticava a democracia por nela predominar a demagogia, atividade do político que manipula e engana.
- c) Em Atenas, todos os indivíduos tinham acesso à

participação política e aos debates que ocorriam na ágora.

- d) A democracia estava restrita à cidadania, que era direito conferido apenas aos homens livres, atenienses de nascimento.
- e) Péricles fez apologia à democracia e a Atenas, e suas concepções sobre política podem ser encontradas na obra de Heródoto, "História da Guerra do Peloponeso".

8. Unicentro-PR – Considerando-se a filosofia como um *constructo* da cultura grega na Antiguidade, é correto afirmar:

- a) A teogonia compreende um estudo sistemático e válido por critérios de cientificidade sobre a origem do mundo.
- b) A mitologia representa um conjunto de conhecimentos válidos e comprovados pelos critérios científicos.
- c) A filosofia em sua trajetória histórico-social é caracterizada por ser um conhecimento absoluto.
- d) A cosmologia é o estudo racional que tem em seu escopo investigar a ordem do mundo.
- e) A ciência grega, em suas manifestações epistemológicas, defendia a perspectiva criacionista.

9. UEM-PR – A civilização grega clássica acumulou notável desenvolvimento cultural e influenciou a formação cultural e histórica do Ocidente. O século V a.C., conhecido como o século de Péricles, marca a introdução de diversas contribuições acerca das quais é correto afirmar:

- 01) O pensamento grego desse período caracteriza-se por nítido antropocentrismo e pelo racionalismo. Lega, assim, contribuições importantes para a filosofia, a matemática, o teatro, a arquitetura e a música.
- 02) O humanismo dos gregos antigos valoriza a razão, a simplicidade, a harmonia e a ordem. Tal forma de pensar influencia a concepção que empregavam ao desenhar as cidades (pólis) e suas construções.
- 04) Em Atenas, naquele período, viceja uma forma pioneira de monoteísmo, dedicada ao culto do deus Cronos, que influenciou os israelitas no período do exílio e a elaboração da Bíblia.
- 08) A filosofia grega não começa propriamente na Grécia continental, mas, sobretudo, nas colônias gregas da Jônia e da Magna Grécia. Os primeiros filósofos foram considerados pré-socráticos quando a divisão da filosofia centrou-se na figura de Sócrates, que é ateniense.
- 16) A cidade-Estado de Atenas é um paradigma de democracia. Por um lado, incorpora a participação de homens e mulheres adultos. Por outro, combinando a participação direta em assembleias públicas com o sufrágio decorrente das urnas, lançou as bases para a democracia moderna.

10. UEL-PR – Sobre a relação entre a organização da cidade de Atenas, a ideia de pólis e o aparecimento da filosofia na Grécia Clássica, considere as afirmativas a seguir.

- I. A filosofia surgiu simultaneamente à cidade-Estado, ambiente em que predominava o discurso público baseado na troca de opiniões e no desenvolvimento da argumentação.
- II. A filosofia afastava-se das preocupações imediatas da aparência sensível e voltava-se para as questões do espírito.
- III. O discurso proferido pelo filósofo era dirigido a pequenos grupos, o que o distanciava da vida pública.
- IV. O discurso da filosofia no contexto da pólis restringia-se ao mesmo tipo de discurso dos guerreiros e dos políticos ao desejar convencer em vez de proferir a verdade.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

11. UEG-GO – Alguns historiadores e pensadores consideram que a filosofia tem data e local de nascimento. Ela teria surgido nas colônias gregas da Ásia Menor no séc. VII a.C., inaugurando assim o período chamado Pré-socrático. Dentre as características desse primeiro período da filosofia grega destaca-se

- a) que a filosofia em sua origem defende a tese da verdade revelada baseada em mistérios inacessíveis à razão humana.
- b) que a filosofia surge como cosmologia, compreensão racional da ordem cósmica e como monismo, buscando um princípio único originário de todas as coisas.
- c) a criação de modelos cosmogônicos e teogônicos capazes de oferecer uma explicação racional para a origem e as mudanças que afetam o homem e seu mundo.
- d) que a invenção da escrita, da moeda, da política e do calendário tornou-se obstáculo para o desenvolvimento da capacidade de abstração do homem grego.

12. Unimontes-MG – A passagem da mentalidade mítica para o pensamento racional e filosófico foi gestada por fatores considerados relevantes à construção de uma nova mentalidade. Algumas novidades do período arcaico ajudaram a transformar a visão que o mito oferecia sobre o mundo e a existência humana. São fatores relevantes: a invenção da escrita e do(a)

- a) moeda; a lei escrita; e a imprensa.
- b) moeda; a lei escrita; e o nascimento da pólis.
- c) telefone; a lei escrita; e o nascimento da pólis.
- d) religião; a lei escrita; e o nascimento da pólis.

13. Unioeste-PR

Na antiguidade clássica, o mito é considerado como um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. Ao mito se atribuiu, no máximo, a “verossimilhança” defronte da “verdade” própria dos produtos genuínos do intelecto. Este foi o ponto de vista de Platão e de Aristóteles. Platão contrapõe o mito à verdade ou à narrativa verdadeira (Górg., 523 a), mas, ao mesmo tempo, reconhece nele a verossimilhança que, em certos campos, é a única validade a que o discurso humano possa aspirar (Tim., 29 d) e que, em outros campos, exprime o que se pode encontrar de melhor e de mais verdadeiro (Górg., 527 a). O mito constituiu também para Platão o “caminho humano e mais breve” da persuasão e, em conjunto, seu domínio é representado por aquela zona que está além do restrito círculo do pensamento racional e na qual não é lícito aventurar-se senão com suposições verossímeis. Substancialmente, Aristóteles toma a mesma atitude em relação ao mito.

Dicionário de Filosofia Abbagnano.

A filosofia trata de problematizar o porquê das coisas de maneira universal, isto é, na sua totalidade. Busca estruturar explicações para a origem de tudo nos elementos naturais e primordiais (água, fogo, terra e ar) por meio de combinações e movimentos. Enquanto o mito está

no campo do fantástico e do maravilhoso, a filosofia não admite contradição, exige lógica e coerência racional e a autoridade destes conceitos não advém do narrador como no mito, mas da razão humana, natural em todos os homens.

Filosofia Ensino Médio

Quando se diz que a filosofia é um fato grego, o que se quer dizer é que ela possui certas características, apresenta certas formas de pensar e de exprimir os pensamentos, estabelece certas concepções sobre o que sejam a realidade, o pensamento, a ação, as técnicas, que são completamente diferentes das características desenvolvidas por outros povos e outras culturas.

Marilena Chaui

Tomando-se por base apenas os fragmentos acima, nos quais são apresentadas considerações sobre mito e filosofia e suas possíveis relações, é **correto** afirmar:

- a) o mito, assim como a filosofia, narra como eram as coisas no passado longínquo; deste modo, ambos mostram como as coisas se transformaram no que são no presente.
- b) o mito, assim como a filosofia, é verossímil, pois constitui em todos os campos o único discurso possível para construir o caminho da persuasão.
- c) o mito é uma narrativa sobre a origem sustentada pela autoridade do narrador, enquanto a filosofia é a superação do mito a partir de uma explicação racional.
- d) mito e filosofia não se importam com algumas contradições, contanto que o resultado final a que se propõem seja compreensível e tenha coerência.
- e) o mito e a filosofia se distinguem não por diferirem sobre a verdade, mas antes por serem narrativas distintas, que alcançam o mesmo objetivo.

14. Unesp-SP

O pensamento mítico consiste em uma forma pela qual um povo explica aspectos essenciais da realidade em que vive: a origem do mundo, o funcionamento da natureza e as origens desse povo, bem como seus valores básicos. As lendas e narrativas míticas não são produto de um autor ou autores, mas parte da tradição cultural e folclórica de um povo. Sua origem cronológica é indeterminada e sua forma de transmissão é basicamente oral. O mito é, portanto, essencialmente fruto de uma tradição cultural e não da elaboração de um determinado indivíduo. O mito não se justifica, não se fundamenta, portanto, nem se presta ao questionamento, à crítica ou à correção. Um dos elementos centrais do pensamento mítico e de sua forma de explicar a realidade é o apelo ao sobrenatural, ao mistério, ao sagrado, à magia. As causas dos fenômenos naturais são explicadas por uma realidade exterior ao mundo humano e natural, superior, misteriosa, divina, a qual só os sacerdotes, os magos, os iniciados, são capazes de interpretar, ainda que apenas parcialmente.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*, 2001. (Adaptado).

A partir do texto, explique como o pensamento filosófico característico da Grécia clássica diferenciou-se do pensamento mítico.

15. Unimontes-MG – No mundo grego, podemos encontrar uma série de relatos mitológicos sobre diversos aspectos da vida humana, da natureza, dos deuses e do universo. Dois tipos de relatos merecem destaque: as cosmogonias e as teogonias. Os relatos citados tratam da origem do(s)

- a) cosmo e dos deuses.
- b) homens e das plantas.
- c) deuses e dos homens.
- d) cosmo e das plantas.

16. Unesp-SP

Quase sem exceção, os filósofos colocaram a essência da mente no pensamento e na consciência; o homem era o animal consciente, o “animal racional”. Porém, segundo Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, sob o intelecto consciente está a “vontade inconsciente”, uma força vital persistente, uma vontade de desejo imperioso. Às vezes, pode parecer que o intelecto dirija a vontade, mas só como um guia conduz o seu mestre. Nós não queremos uma coisa porque encontramos motivos para ela, encontramos motivos para ela porque a queremos; chegamos até a elaborar filosofias e teologias para disfarçar nossos desejos.

DURANT, Will. *A história da filosofia*, 1996. (Adaptado).

Explique a importância da concepção do homem como “animal racional” para a filosofia. Como o conceito de “vontade inconsciente”, proposto por Schopenhauer, compromete a confiança filosófica na razão?

17. Unesp-SP

À medida que a ciência se mostrou capaz de compreender a realidade de forma mais rigorosa, tornando possível fazer previsões e transformar o mundo, houve a tendência a desprezar outras abordagens da realidade, como o mito, a religião, o bom senso da vida cotidiana, a vida afetiva, a arte e a filosofia. A confiança total na ciência valoriza apenas a racionalidade científica, como se ela fosse a única forma de resposta às perguntas que o homem se faz e a única capaz de resolver os problemas humanos.

ARANHA, Maria L. de A. e MARTINS, Maria H. P. *Temas de filosofia*, 1992.

Com base na ideia de "verdade absoluta", explique a diferença entre mito e ciência. Considerando a expressão "confiança total na ciência", explique como o próprio conhecimento científico pode se transformar em mito.

18. UEM-PR

O nascimento da filosofia pode ser entendido como o surgimento de uma nova ordem do pensamento, complementar ao mito, que era a forma de pensar dos gregos. Uma visão de mundo que se formou de um conjunto de narrativas contadas de geração a geração [...]. Os mitos apresentavam uma religião politeísta, sem doutrina revelada, sem teoria escrita, isto é, um sistema religioso, sem corpo sacerdotal e sem livro sagrado, apenas concentrada na tradição oral, é isso que se entende por teogonia.

Filosofia / vários autores. Curitiba: SEED-PR, 2006. p. 18.

Sobre o surgimento da filosofia, assinale o que for correto.

- 01)** Na Grécia Antiga, o conhecimento dos mitos era transmitido pelos padres da Igreja.
- 02)** O livro do Gênesis repete o primeiro capítulo da Teogonia de Hesíodo, que trata da criação do mundo.
- 04)** A teogonia visa explicar a genealogia dos deuses e sua relação com os fenômenos do mundo.

- 08)** A oralidade constitui a forma privilegiada de transmissão do pensamento mítico.
- 16)** O mito representa uma forma de pensamento religioso contrário à racionalidade filosófica de Platão e dos filósofos pré-socráticos.

ESTUDO PARA O ENEM

19. Unicentro-PR

C1-H1

Embora o mito se caracterize, historicamente, por ser um tipo de consciência primitiva e anterior ao advento da escrita, ainda hoje subsiste em nossas fabulações, nos contos da sabedoria popular, no folclore, constituindo parte do nosso imaginário. Até mesmo Platão não o descartou inteiramente; pelo contrário, aproveitou-se de sua riqueza, narrando, na obra *A República*, pelo menos dois episódios com essa conotação: ora dizendo dos prisioneiros acorrentados ao fundo de uma caverna, ora narrando a história de Er. Pode-se mencionar ainda a utilização do mito de Édipo na psicanálise.

Considerando que o discurso mítico ainda persiste segundo variadas formas, assinale a alternativa correta.

- a)** Devido ao fato de que o mito constitui a primeira leitura de mundo, o aparecimento de outras interpretações, como a crítico-reflexiva, faz dele um discurso sem inteligibilidade.
- b)** Em sentido lato, tudo o que desejamos e pensamos deveria excluir, desde a infância, toda forma de imaginação cujos pressupostos são míticos, pois impedem um posterior trabalho com a própria razão presente nas coisas.
- c)** Justamente porque o mito propõe relatos extraordinários, escapando à nossa compreensão, há enorme dificuldade da consciência de dispor a seu respeito e reconhecê-lo tanto a validade, quanto a importância.
- d)** O pensamento crítico-reflexivo permite, hoje, o exercício de um pensamento capaz de distinguir os mitos que são prejudiciais e aqueles que compõem positivamente o horizonte da imaginação.

- e)** O mito resulta de vacilo do modo racional, constituindo-se dispensável no existir humano, e isso se justifica porque tal dimensão primitiva se apresenta, ainda hoje, com a mesma abrangência que teve nas sociedades tribais.

20. Unicentro-PR

C5-H24

A atitude filosófica, quando associada aos conteúdos históricos e temáticos da filosofia, ocupa um papel de destaque, pois, independentemente de tais conteúdos e temas, o que está em pauta em sua trajetória são as suas próprias indagações.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a atitude filosófica, assinale a alternativa correta.

- a)** A filosofia, ao se perguntar “O que é?,” “Como é?,” “Por que é?,” dirige-se aos seres humanos do passado, pois sua função está aquém de indagar-se sobre o presente.
- b)** A reflexão filosófica, ao invés de indagar sobre a realidade, convence da importância dogmática dos seus princípios e fundamentos.
- c)** Enquanto reflexão, é próprio da filosofia perguntar-se a respeito dos enigmas da vida, consentindo com aqueles enigmas que transcendem a nossa realidade.
- d)** Perguntar-se, em filosofia, sobre o porquê de uma ideia, de um valor, de um comportamento tem como finalidade a descoberta dos mistérios ocultos que a vida encerra.
- e)** Por ser um tipo de pensamento que se efetiva por meio de questionamentos, a filosofia se caracteriza por um tipo de reflexão que, antes de tudo, interroga-se a si mesma.

FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE I

Ao longo da história, o vasto pensamento filosófico produzido representa uma das mais importantes contribuições à cultura e ao pensamento humano. Do século VI a.C. até hoje, o que os filósofos pensaram permanece vivo e influente sobre os nossos modos de agir, pensar e sentir. Conhecer o pensamento dos grandes mestres do saber é percorrer o vasto e variado campo das diversas correntes filosóficas, com ideias, debates, reflexões originais e ricas. Algumas escolas se complementam, outras se contrapõem, e há as que revolucionam a história da filosofia. Cada qual com método, visão de mundo e objetivo diferentes, mas todas com valor e papel a desempenhar conforme a época em que foram produzidas. Enquanto na ciência é mais comum paradigmas serem superados por outros de maior verificabilidade empírica e consistência teórica, na filosofia a contribuição de cada pensador é revisitada e rediscutida com maior frequência, desde os gregos até os contemporâneos, o que produz discussões milenares entre grandes pensadores de cada época histórica. Neste módulo, vamos conhecer as seculares e ainda atuais contribuições da chamada filosofia antiga.

A filosofia começa dizendo não às crenças e aos preconceitos do senso comum e, portanto, começa dizendo que não sabemos o que imaginávamos saber; por isso, o patrono da filosofia, o grego Sócrates, afirmava que a primeira e fundamental verdade filosófica é dizer: “Sei que nada sei”. Para o discípulo de Sócrates, o filósofo grego Platão, a filosofia começa com a admiração; já o discípulo de Platão, o filósofo Aristóteles, acreditava que a filosofia começa com o espanto.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 9.

Filosofia pré-socrática

Apesar de “pré-socráticos”, é equívoco acreditar que os primeiros filósofos surgiram antes de Sócrates. Pelo contrário, muitos são contemporâneos ao considerado fundador da filosofia antiga. Essa divisão remete-se ao rompimento radical, feito por Sócrates, sobre o modo até então tradicional do pensar filosófico. Enquanto os pré-socráticos voltavam-se para a natureza a fim de entenderem a origem do mundo e as suas transformações (*physis*), Sócrates volta-se para uma investigação de questões humanas e sociais, como a ética e a política.

O fundo eterno, perene, imortal e imperecível de onde tudo brota e para onde tudo retorna é o elemento primordial da Natureza e chama-se *physis* (em grego, *physis* vem de um verbo que significa fazer surgir, fazer brotar, fazer nascer, produzir). A *physis* é a Natureza eterna e em perene transformação. [...] Embora a *physis* (o elemento primordial eterno) seja imperecível, ela dá origem a todos os seres infinitamente variados e diferentes do mundo, seres que, ao contrário do princípio gerador, são perecíveis ou mortais.

[...] Os diferentes filósofos [pré-socráticos] escolheram diferentes *physis*, isto é, cada filósofo encontrou motivos e razões para dizer qual era o princípio eterno e imutável que está na origem da Natureza e de suas transformações. Assim, Tales dizia que o princípio era a água ou o úmido; Anaximandro considerava que era o ilimitado sem qualidades definidas; Anaxímenes, que era o ar ou o frio; Heráclito afirmou que era o fogo; Leucipo e Demócrito disseram que eram os átomos. E assim por diante.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 40-41.

- Filosofia pré-socrática
- Filosofia clássica
- Sócrates

HABILIDADES

- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Comparar diferentes pontos de vista expressos em textos analíticos e interpretativos.
- Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

Tratavam a *physis* que estudavam sob dois pontos de vista: como **unitária**, relacionando-se a um elemento original; como **pluralista**, ou seja, resultante da existência de elementos plurais que comporiam a própria *physis*, correspondendo ao mundo natural que cerca o homem e que se contrapõe ao *nomos* — mundo dominado pelos assuntos humanos.

Os filósofos pré-socráticos no mundo grego

Os pré-socráticos dividiam-se basicamente em quatro grandes escolas filosóficas, geograficamente separadas e concentradas nas regiões colonizadas pelos gregos após a segunda diáspora grega, o que reforça a ideia de que a filosofia grega recebeu influência de outros povos de tradição marítimo-mercantil, como fenícios e egípcios.

Apesar de sua denominação, muitos desses filósofos foram contemporâneos de Sócrates, chegando, como foi o caso de Parmênides, a influenciar a visão socrática do mundo.

Filósofos pré-socráticos



Fonte: ABRÃO, Bernadete Siqueira et al. *História da filosofia: da Antiguidade aos pensadores do século XXI*. v. XII. Enciclopédia do estudante. São Paulo: Moderna, 2008. p. 17. (Adaptado).

A PHYSIS UNITÁRIA

Dentre os filósofos que adotaram a concepção unitarista da *physis*, citam-se Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Pitágoras, Zenão, Parmênides e Heráclito. As ideias dos dois últimos citados dominaram o cenário filosófico grego. É relevante também o fato de serem os únicos cujos textos originais foram preservados, possibilitando análise mais acurada de seu pensamento. Era comum relacionarem a *arché* a algum elemento da natureza, como fez Tales. Anaxímenes indicou o ar como elemento componente da *arché*. Seu contemporâneo, Anaximandro, optou por uma saída mais original, identificando como princípio gerador o *ápeiron* — o

ilimitado, o que convenientemente é impedido de ser materialmente identificado. Para Pitágoras, os **números** compunham a realidade formada da própria *physis*, o que seria perceptível a partir das composições musicais e da proporcionalidade mantida pelas notas musicais. Daí a noção de que a matemática e sua matéria-prima, os números, seriam responsáveis pela *physis*. Por fim, Zenão de Eleia apoiou, indiretamente, as teses de seu contemporâneo Parmênides, defensor da noção **de imutabilidade** do ser.

Heráclito de Éfeso

Heráclito afirmou que o elemento primordial responsável pela transformação das coisas era o fogo, cuja intensidade e calor variavam de acordo com o conflito entre os opostos. Assim, a transformação (fogo) jamais cessa, é eterna; da mesma forma, o ser e tudo que o cerca também se transformam continuamente, obedecendo a esse fluxo interminável. Daí a concepção de *devir* eterno, isto é, o mundo em eterna transformação, de modo que o ser possa transformar-se em algo distinto do que seja a partir do conflito, da guerra.

Parmênides de Eleia

Crítico da filosofia de Heráclito, Parmênides destacou-se pela vida política ativa, voltada às preocupações públicas da pólis. Ao criticar o fluxo eterno de Heráclito, Parmênides procurou fazer contraponto entre a verdade (*aletheia*) e a opinião (*doxa*), criticando a última e afirmando a existência exclusiva da primeira, visto que a opinião tende a enganar o homem que confia em seus sentidos. *Aletheia* é a essência do mundo captada pela razão (pensamento); *doxa* é a aparência do mundo captada pelos sentidos (natureza). A partir dessa constatação, Parmênides defendeu a imutabilidade do ser, como algo que jamais se modifica, pois sua essência é sempre a mesma, ou seja, ela apenas se manifestaria mediante compreensão de sua existência, caso contrário, se não existisse, seria o não ser, algo que não se poderia imaginar, pensar ou dizer, portanto algo que não se poderia definir e sobre o qual não conjecturar pela própria não existência. Com isso, a única forma de o ser comprovar sua existência seria por meio de si mesmo, o que só poderia ser dado pelo pensar, comprovando a existência de um ser inteligível. Dessa forma, o pensamento verdadeiro exige a identidade, a não transformação e a não contradição do ser, visão oposta à desenvolvida por Heráclito de Éfeso.

A PHYSIS PLURALISTA

Basicamente, os filósofos adeptos desta vertente pertencem à escola atomista, que tem Empédocles, Demócrito e Leucipo como principais representantes. Seu principal objetivo consiste em buscar uma conciliação entre as visões díspares de Heráclito, de Éfeso e Parmênides de Eleia, uma vez que os atomistas consideravam ambas as visões representativas da realidade, mesmo que excludentes.

Ainda que Empédocles tivesse perspectiva distinta de Demócrito e Leucipo, todos procuravam um princípio múltiplo e, simultaneamente, componente da realidade, a *physis* que cercava o homem. Decorre disso a perspectiva de que, em vez da existência de um único elemento que representasse a *arché*, haveria vários iguais entre si, responsáveis por compô-la. Para Empédocles, por exemplo, tais elementos plurais seriam quatro: amor e amizade, princípios que construíam; ódio e discórdia, princípios que desintegravam e destruíam a *physis*.

Para Demócrito e Leucipo, o **átomo**, partícula indivisível, comporia a *physis*, por meio de um contínuo processo de agregação e desagregação que, assim, daria forma a tudo o que faz parte da *physis*. Apesar de essa ideia ser associada à física atual, não há nenhuma relação entre o que Demócrito e Leucipo entendiam e o que se compreende de átomo de acordo com as concepções da física moderna, mesmo porque, no caso da segunda teoria, sabe-se que o átomo não é indivisível, nem é a menor partícula que existe.

Filosofia clássica

O imperialismo ateniense causou uma cisão no mundo grego logo após vencer os persas nas Guerras Médicas. Começou então o declínio do mundo helênico, alimentado pelo conflito entre Atenas e suas aliadas e Esparta e suas coligadas — a Guerra do Peloponeso.

Nesse contexto de atribulação, inaugurado pelas Guerras Médicas, registraram-se a consolidação e o aperfeiçoamento do modelo político conhecido por democracia, pela qual os cidadãos se tornaram responsáveis por gerir a coisa pública, manifestando-se na **ágora**.

Esse cenário de desenvolvimento político foi fundamental para uma importante mudança na constituição do saber filosófico. Enquanto os pré-socráticos voltavam-se para o estudo da origem da *physis* e da causa responsável pela existência do todo, a *arché*, Sócrates inaugura um pensamento filosófico voltado para o estudo do ser humano e suas questões sociais e políticas, objetivado para a criação da denominada “boa vida” — a qual deveria ser atingida na pólis.

No campo de preocupações da época, foram ganhando importância os debates sobre a definição das relações humanas, por isso as discussões se voltaram aos princípios de organização social. Daí a importância do bem falar, da retórica e dos recursos necessários ao convencimento, fatores imprescindíveis para estabelecer as convenções que regeriam a vida coletiva.

Vale lembrar: o *nomos* faz referência ao que vem do homem, criado por ele, por isso se distingue da *physis* quanto às regras. O advento e a consolidação da pólis e do modelo democrático, mais do que nunca, fizeram o homem tornar-se o centro de tudo.

Surgiram então os sofistas, que recusavam o rótulo de filósofos, porque sua relação com a *sophia* não

era de paixão e, sim, de conveniência, visando ensiná-la a quem tivesse interesse e condições financeiras. Considerando o ambiente democrático, isso implicava a existência de um mercado pleno de indivíduos interessados em aprender a exercerem a cidadania, especialmente na ágora. Os sofistas fazem parte de um quadro em que o poder político é ampliado, em que a democracia aparece como expressão desse exercício do poder, em que a cidadania define um espaço de debate onde a arte do convencimento, ou seja, a retórica, é valorizada.

O conceito de democracia na Grécia Antiga era diferente do conceito atual de democracia. Apenas uma elite, em geral composta por homens de origem ateniense e com determinadas propriedades e rendas, tinha plenos direitos políticos.

SOFISTAS E A RETÓRICA

No estudo do pensamento sofístico, convém esclarecer alguns pontos significativos.

Em primeiro lugar, não é possível classificar os sofistas por escolas de pensamento, porque seu objetivo não é investigar a *physis* e seu princípio motivador, a *arché*, mas sim voltar a atenção para o *nomos*, aquilo que é fruto da criação humana e é movido pelas leis criadas por homens e, portanto, podem ser discutidas e modificadas caso haja argumentos. Não está submetido, portanto, às leis naturais que regem a *physis*.

Um segundo ponto significativo diz respeito à concepção atual dos sofistas. Tal concepção pede um alerta, uma vez que a maior parte das informações a seu respeito vem de seus detratores, e o julgamento de valor desses leva a acreditar que a arte da sofística era usada de forma negativa na democracia ateniense. O que não reflete necessariamente a realidade.

Assim, o grande objetivo dos sofistas não era afirmar categoricamente algo, mas fazer outros concordarem com eles **por meio de seus argumentos**. Daí a importância da palavra no meio sofístico, até porque as decisões na sociedade democrática grega, mais especificamente na ateniense, eram tomadas na assembleia de cidadãos que acontecia na ágora.

Os sofistas acreditavam que o único caminho envolvia a disputa verbal e a vitória sobre os adversários, para mostrar a superioridade de seus argumentos. Dentre os sofistas mais importantes, destacam-se Protágoras e Górgias, contemporâneos de Sócrates.

Sócrates

“CONHECE-TE A TI MESMO”

Sócrates justificava sua crítica aos sofistas no procedimento deles de jogar com as palavras, por meio de retórica e oratória, pondo os interesses particulares acima dos públicos.

Ainda que fosse confundido como outro sofista qualquer, Sócrates diferenciava-se deles, não somente por abominar pagamentos monetários em troca de seus ensinamentos ou por identificar a sofística como um jogo de palavras que impedia a descoberta da verdade. Sócrates criticava a própria incoerência da atividade sofística, capaz de defender argumentos conflitantes no mesmo diálogo, tudo sempre com o mesmo objetivo: vencer a disputa verbal. Para ele, a atividade sofística, apesar de afirmar que buscava o bem para a democracia, acabava degradando-a.

Dessa percepção do pensamento sofístico se constituíram o pensamento e o esforço socrático: fazer a *aletheia* (verdade/essência) superar o *doxa* (opinião/aparência), permitindo ao homem grego atingir a verdade. Para tanto, Sócrates fez uso dos mesmos mecanismos linguísticos que os sofistas, com o claro objetivo de expô-los como falsários que se apoderavam de conhecimento falacioso, apresentando-os, enfim, como demagogos. Além disso, o método socrático difere do sofista por mostrar que a dialética não se confunde com a retórica sofista, pois aquela envolve exercício mental realizado por meio de diálogo, em que estejam presentes movimentos de afirmação, negação, análise e síntese do assunto escolhido.

a inscrição “Conhece-te a ti mesmo” dirigida a ele mesmo. Interpretou-a como desejo de Apolo que precisava cumprir: conhecer a si mesmo e fazer os demais cidadãos atenienses também se conhecerem. Para tanto, cada indivíduo deveria ter condição de se livrar das falsas verdades, criadas a partir de opiniões apoiadas, por sua vez, em percepções distorcidas da realidade. Percebe-se aí um dos motivos que levaram boa parte dos cidadãos atenienses a se indispor com Sócrates, pois o filósofo lhes dirigia questões desconcertantes, fazendo-os contradizer-se e, assim, acompanhar a argumentação socrática com atenção, na mesma medida em que respondiam às dúvidas do filósofo. Não raramente acabavam por concordar com os argumentos de Sócrates, dando-lhe razão. Surgiu a insatisfação nos cidadãos que decidiam o destino da cidade, cujos discursos, como os dos sofistas, se pautavam exclusivamente em opiniões desprovidas da profundidade exigida pelo pensamento socrático.

“SEI QUE NADA SEI”

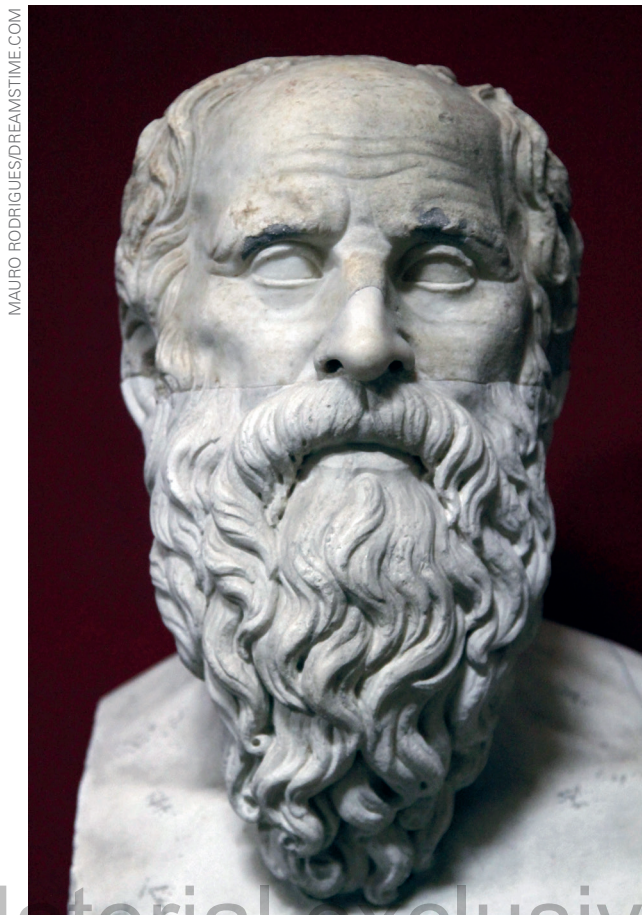
O método de Sócrates para apresentar sua verdade chama-se **maieutica**, termo que significa arte de realizar o parto. Da mesma forma que a parteira ajuda no nascimento da criança, trazendo-a à luz, o filósofo realiza o trabalho em relação ao conhecimento (verdade), que não é criado, mas vem à luz por intermédio dele.

O primeiro passo do método socrático em busca da verdade usa de **ironia**. Consiste em guiar a conversa de modo que o interlocutor, sem perceber, entre em contradição nas respostas ao filósofo. O brilhantismo do método socrático está na provocação. Não era Sócrates quem afirmava a ignorância do interlocutor, mas este mesmo a constatava ao se deixar convencer pelos argumentos socráticos. Dessa forma, a percepção da própria ignorância funciona como elemento catártico que **permite ao indivíduo redescobrir-se** (“conhece-te a ti mesmo”), princípio segundo o qual ele fica pronto para encontrar a verdade.

SUICÍDIO DE SÓCRATES

O método socrático não foi plenamente aceito na sociedade ateniense, que via nele um risco ao modelo democrático que, apesar de direto, restringia a participação dos cidadãos, pois nem todos com direitos políticos tinham disponibilidade de tempo para frequentar as assembleias. Sócrates não limitava seus ensinamentos à elite, que pagava aos sofistas para aprender sobre os artifícios retóricos necessários à defesa de seus interesses. Assim, desconsiderando as barreiras sociais existentes, ensinava que a incapacidade dos cidadãos de menores recursos de pagar pelo aprendizado sofista depunha contra o ideal democrático.

Tal atitude de insubordinação fez políticos, membros da elite ateniense, perseguirem Sócrates, acusando-o de ameaçar a cidade ao introduzir novos deuses, negar os deuses existentes e corromper a juventude. O poeta Meletos foi seu principal acusador.



MAURO RODRIGUES/DREAMSTIME.COM

Escultura representando o rosto do filósofo grego Sócrates. Vaticano.

A missão socrática de revelar a verdade mediante discussão filosófica foi afirmada por Sócrates após sua ida ao oráculo de Delfos. Na entrada do templo, julgou

O veredicto dos seus concidadãos foi dar razão às acusações de Meletos, declarando a culpa e a pena de Sócrates: morte por ingestão de cicuta. O castigo não se aplicaria imediatamente, em respeito a período religioso festivo. O sábio teria ainda 30 dias para exercer seu ofício. Platão, em sua obra "Apologia de Sócrates", narra uma defesa de Sócrates so-

bre sua acusação. Nesse discurso, Sócrates acusaria seus julgadores de criarem motivos não verdadeiros para sua acusação, com o objetivo de o silenciarem e ocultarem o fato de que apenas julgam saber, mas pouco ou nada sabem. Sócrates denunciaria, portanto, uma corrupção na sociedade ateniense. Vejamos o discurso:

A acusação de Sócrates

Vós tendes conhecimento de que os jovens que dispõem de mais tempo que os outros, os filhos das famílias mais ricas, seguem-me de livre e espontânea vontade, e se regozijam em assistir a esta minha análise dos homens; inúmeras vezes procuram imitar-me e tentam, por sua própria conta, analisar alguma pessoa. Logicamente, deparam-se com numerosos homens que julgam saber alguma coisa e sabem pouco ou nada, e então, aqueles que são analisados por eles voltam-se contra mim e não contra quem os analisou, declarando que Sócrates é homem por demais infame e corruptor dos jovens. E se alguém indaga: "Afinal, o que faz e o que ensina este Sócrates para corromper os jovens?", nada respondem, porque o desconhecem, e, só para não evidenciar que estão confusos, dizem as coisas que comumente são ditas contra todos os filósofos, além de afirmarem que ele especula sobre as coisas que se encontram no céu e as que ficam embaixo da terra, e que também ensina a não acreditar nos deuses e apresenta como melhores as piores razões. A verdade, porém, é que esses homens demonstraram ser pessoas que dão a impressão de saber tudo, porém, naturalmente, não querem dizer a verdade. Desta maneira, ambiciosos, dominados pela paixão e numerosos como são, e todos da mesma opinião nesta difamação a meu respeito e com argumentos que podem parecer também convincentes, sem escrúpulo algum encheram vossos ouvidos com suas calúnias. Este é o motivo pelo qual, finalmente, lançaram-se contra mim Meleto, Ânito e Lícon: Meleto profundamente irado por causa dos poetas, Ânito por causa dos artesãos e dos políticos, Lícon por causa dos oradores. Contudo, como vos disse desde o início, seria de fato um verdadeiro milagre se eu tivesse a capacidade de arrancar-vos do coração esta calúnia que possui raízes tão firmes e profundas. Esta é, ó cidadãos, a verdade, e eu a revelo por completo, sem ocultar-vos nada, nem mesmo esquivando-me dela, embora saiba que sou odiado por muitos exatamente por isso. Por sinal, é outra prova de que digo a verdade, e que esta é a calúnia contra mim e esta a causa. Indagai quanto quiserdes, agora ou depois, e recebereis sempre a mesma resposta.

Platão. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 73-74.



FINE ARTS MUSEUMS OF SAN FRANCISCO

CHODOWIECKI, Daniel Nicholas. *A morte de Sócrates*. O desenho faz uma representação do que teria sido o momento em que Sócrates recebeu o veneno para suicidar-se.

ROTEIRO DE AULA

A FILOSOFIA CLÁSSICA

Filosofia pré-socrática

Escola filosófica grega cuja explicação sobre a origem e transformação do mundo, natural e social, advém da observação e da reflexão sobre elementos naturais (*physis*).

Filosofia socrática

Escola filosófica grega que volta-se para o estudo do ser humano e suas questões sociais e políticas, objetivada para a criação da boa vida em sociedade através da vida política na pólis.

Sofistas

Mestres da retórica, utilizavam a habilidade racional para criação de bons argumentos, mas não se dedicavam a estudos filosóficos sobre o mundo natural ou social.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFU-MG – Leia o fragmento de autoria de Heráclito.

Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome. Mas toma formas variadas assim como o fogo, quando misturado com essências, toma o nome segundo o perfume de cada uma delas.

BORNHEIM, G. (Org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 40.

Conforme o exposto, “Deus”, no pensamento de Heráclito, significa:

- a) A unidade dos contrários.
- b) O fundamento da religião monoteísta do período arcaico.
- c) Uma abstração para refutar o logos.
- d) A impossibilidade da harmonia no mundo.

A filosofia pré-socrática busca na natureza a explicação da origem e da transformação do mundo. Heráclito considera o fogo como o elemento primordial, o qual representa a transformação do devir a partir da superação de contrários. Deus concentra os contrários e suas transformações, portanto não é um ser monoteísta de adoração, mas uma entidade que constitui e harmoniza a realidade.

2. UFU-MG – A respeito do método de Sócrates, assinale a alternativa que apresenta a definição correta de maiêutica.

- a) Um método sintético, que ignora a argumentação dos interlocutores e prontamente define o que é o objeto em discussão.
- b) Uma estratégia sofística, que é empregada para educar a juventude na prática da retórica, visando apenas ao ornamento do discurso.
- c) Um método analítico, que interroga a respeito daquilo que é tido como a verdadeira justiça, o verdadeiro belo, o verdadeiro bem.
- d) Uma iluminação divina, que deposita na mente do filósofo o conhecimento profundo das coisas da natureza.

Maiêutica consiste no método de interrogar o interlocutor com o objetivo de apresentá-lhe as contradições e, enfim, permitir que ele mesmo produza uma nova reflexão, mais madura, sem contradições e, portanto, verdadeira.

3. UEL-PR – Sócrates, Giordano Bruno e Galileu foram pensadores que defenderam a liberdade de pensamento frente às restrições impostas pela tradição. Na Apologia de Sócrates, a acusação contra o filósofo é assim enunciada:

Sócrates [...] é culpado de corromper os moços e não acreditar nos deuses que a cidade admite, além de aceitar divindades novas (24b-c).

Ao final do escrito de Platão, Sócrates diz aos juizes:

Mas, está na hora de nos irmos: eu, para morrer; vós, para viver. A quem tocou a melhor parte, é o que nenhum de nós pode saber, exceto a divindade. (42a).

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001. p. 122-23; 147.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a disputa entre filosofia e tradição presente na condenação de Sócrates, assinale a alternativa correta.

- a) O desprezo socrático pela vida, implícito na resignação à sua pena, é reforçado pelo reconhecimento da soberania do poder dos juizes.

- b) A aceitação do veredito dos juizes que o condenaram à morte evidencia que Sócrates consentiu com os argumentos dos acusadores.

- c) A acusação a Sócrates pauta-se na identificação da insuficiência dos seus argumentos, e a corrupção que provoca resulta das contradições do seu pensamento.

- d) A crítica de Sócrates à tradição sustenta-se no repúdio às instituições que devem ser abandonadas em benefício da liberdade de pensamento.

- e) A sentença de morte foi aceita por Sócrates porque morrer não é um mal em si e o livre pensar permite apreender essa verdade.

Sócrates compreende que foi considerado culpado por corromper jovens e não acreditar em deuses, mas nega que essa seja a razão das acusações, as quais seriam a elite ateniense fingir que é sábia e desejar evitar o desmascaramento. Esclarecido, Sócrates aceita que sua morte não finda suas ideias, sua liberdade e seu impacto social; afinal, suas ideias transcendem sua vida material. Tais objetivos foram alcançados e sua filosofia disseminada pela sociedade. Sua morte não é um mal em si: finda-se seu corpo, mas fica o legado de suas ideias.

4. Unicentro-PR – Sobre o período Pré-socrático, assinale a alternativa correta.

- a) Os primeiros pré-socráticos, como Tales de Mileto, Anaxímenes e Platão, são conhecidos como “monistas”, porque identificam apenas um elemento constitutivo de todas as coisas.

- b) Para Heráclito, o ser é o múltiplo, não apenas no sentido de que há uma multiplicidade de coisas, mas por estar constituído de oposições internas. Para ele, o dinamismo de todas as coisas pode ser explicado pelo fogo primordial, expressão visível da instabilidade, símbolo da eterna agitação do devir.

- c) Para o filósofo Anaximandro, o princípio constitutivo de todas as coisas é um ser eterno, suprassensível e imutável, ao qual ele nomeia de Noûs.

- d) Demócrito é o precursor da matemática, atribui aos números a máxima perfeição original.

- e) Os primeiros filósofos foram chamados de pré-socráticos devido a uma classificação posterior da filosofia, que tinha como referência a figura de Sócrates. Todavia, nem todos os pensadores pré-socráticos viveram antes de Sócrates, a exemplo de Péricles, que foi contemporâneo ao pai da filosofia.

Conforme a filosofia pré-socrática, a origem e a transformação do mundo natural e social devem-se a elementos naturais. Segundo Heráclito, o fogo ocupa essa função. Esse elemento marca o dinamismo das coisas mundanas, as transformações e as inaugurações típicas das coisas em constante transformação.

5. Unicamp-SP

“Muitos políticos veem facilitado seu nefasto trabalho pela ausência da filosofia. Massas e funcionários são mais fáceis de manipular quando não pensam, mas tão somente usam de uma inteligência de rebanho. É preciso impedir que os homens se tornem sensatos. Mais vale, portanto, que a filosofia seja vista como algo entediante.”

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1976, p.140.

Assinale a alternativa correta.

- a) O filósofo lembra que a filosofia tem um potencial crítico que pode desagradar a políticos, poderosos e ao senso comum, tal como ocorreu na Grécia em relação a Sócrates.

- b)** A filosofia precisa ser entediante para estimular o pensamento crítico, rigoroso e formar pessoas sensatas, a partir do ensino de lógica, retórica e ética.
- c)** A ditadura militar no Brasil retirou a disciplina de filosofia das escolas por considerá-la subversiva, mas atenuou a medida estimulando os Centros Populares de Cultura (CPC), ligados a entidades estudantis.
- d)** Os políticos e a estrutura escolar não são o verdadeiro obstáculo ao ensino de filosofia, mas a concepção de que ela é difícil e tediosa, considerando-se que existem mecanismos para aproximá-la do senso comum.

Sócrates incomodou a elite ateniense ao evidenciar que autoridades fingiam saber, enquanto nada ou pouco sabiam. A filosofia, desde Sócrates, assume esse papel de busca de verdades e de ação no mundo para criação de uma sociedade de igualdade, justiça e felicidade.

6. Unioeste-PR

“A proposição de Tales de que a água é o absoluto ou, como diziam os antigos, o princípio, é filosófica: com ela, a filosofia começa porque, através dela, chega à consciência de que o um é a essência, o verdadeiro, o único que é em si e para si. Começa aqui um distanciar-se daquilo que é em nossa percepção sensível; um afastar-se deste ente imediato — um recuar diante dele. Os gregos consideraram o sol, as montanhas, os rios, etc., como forças autônomas, honrando-os como deuses, elevados pela fantasia a seres ativos, móveis, conscientes, dotados de vontade. Isto gera em nós a representação da pura criação pela fantasia — animação infinita e universal, figuração, sem unidade simples. Com essa proposição, está aquietada a imaginação selvagem, infinitamente colorida, de Homero; dissociar-se de uma infinidade de princípios, toda esta representação de que um objeto singular é algo que verdadeiramente subsiste para si, que é uma força para si, autônoma e acima das outras, é sobressumida e assim está posto que só há um universal, o universal ser em si e para si, a intuição

simples e sem fantasia, o pensamento de que apenas um é. Este universal está, ao mesmo tempo, em relação com o singular, com a aparição, com a existência do mundo.”

Hegel

“Não se trata de contrapor os gregos aos outros povos, como se fossem destituídos de racionalidade. Mas diante do real, os gregos não se limitaram a uma atividade prática ou a um comportamento religioso; ao lado disso, souberam assumir um comportamento propriamente filosófico: a pergunta filosófica exige uma postura mais puramente intelectual.”

Gerd A. Bornheim

Considerando os textos acima, que tratam do surgimento da filosofia e do primeiro filósofo grego, Tales de Mileto, é **correto** afirmar que

- a)** a proposição de Tales é filosófica, mas não constitui uma resposta racional que pretende organizar o mundo para além da ordem mitológica ou do ente imediato.
- b)** ao afirmar que a água é o princípio de tudo, Tales institui mais uma perspectiva para o mito, mas agora como uma verdade sobre o que é a realidade.
- c)** o advento da filosofia não distingue os gregos de seus contemporâneos ou daqueles que os antecederam, apenas acrescenta uma nova noção, a noção de ser, à história da cultura.
- d)** a representação que temos do mundo, formada pela fantasia e pelo mito, guia a razão à essência do real e motiva os primeiros filósofos em suas reflexões.
- e)** a filosofia, ao surgir, impulsiona a razão a se perguntar se aquilo que observamos através de nossa percepção sensível constitui a verdadeira essência da realidade.

A filosofia surge, com Tales de Mileto, a partir do uso da razão para compreender a essência da realidade. Diferencia-se, portanto, da mitologia, que valia-se de crenças em categorias fantásticas.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unicentro-PR – Sobre o filósofo Sócrates, considere as afirmativas abaixo e assinale o que for **incorreto**.

- a)** Sócrates, ao criticar o saber dogmático, não quis com isso dizer que ele próprio é detentor de um saber. Despertava as consciências adormecidas, não como um “farol” que ilumina, mas afirmava que o caminho novo deve ser construído pela discussão e pela busca das soluções.
- b)** Sócrates foi considerado subversivo pois desnorteou e perturbou a ordem vigente, o que incomodou os poderosos de Atenas.
- c)** Embora Sócrates tenha difundido o método da maiêutica e da ironia, não foi ele autor dessa metodologia, mas sim seu discípulo, Platão.
- d)** A Sócrates atribui-se a máxima “só sei que nada sei”.
- e)** A ironia, método utilizado por Sócrates, consistia em perguntar, simulando não saber. Desse modo, o interlocutor expõe sua opinião, à qual Sócrates contrapõe argumentos que o fazem perceber a ilusão do conhecimento.

8. UEM-PR

“[...] Talvez alguém diga: ‘Sócrates, será que você não pode ir embora, nos deixar em paz e ficar quieto, calado?’ Ora, eis a coisa mais difícil de convencer alguns de vocês. Pois se eu disser que tal conduta seria desobediência ao deus e que por isso não posso ficar quieto, vocês acharão que estou zombando e não acreditarão. E se disser que falar diariamente da virtude e das outras coisas sobre as quais me ouvem falar e questionar a mim e a outros é o bem maior do homem e que a vida que não se questiona não vale a pena viver, vão me acreditar menos ainda.”

PLATÃO, “Apologia de Sócrates”, in MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 20.

A partir do texto citado é correto afirmar que:

- 01)** Sócrates não aceita a sentença de seus interlocutores porque a rebeldia e a não aceitação das ordens são próprias de um filósofo.
- 02)** Sócrates defende uma atitude permanente de questionamento para os homens, sem a qual a vida não valeria a pena ser vivida.

- 04)** Para Sócrates, o questionamento é mais do que um momento na vida humana, é uma conduta permanente que deve ser cultivada.
- 08)** Para Sócrates, o questionamento é algo intrínseco da natureza humana e não somente dele, um filósofo.
- 16)** Ao citar deus, Sócrates compreende que está zombando de seus interlocutores, pois seus questionamentos não possuem nenhuma relação com a religião.

9. Unicentro-PR

“Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por filtragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.”

BURNET, J. *A aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. (Adaptado).

Filósofos de diferentes momentos históricos desenvolveram teorias que buscam explicar a origem do universo. A fundamentação teórica de Anaxímenes faz parte de uma tendência denominada de:

- a) Atomismo
- b) Monismo
- c) Pluralismo
- d) Relativismo
- e) Ceticismo

- 10. Unioeste-PR** – Em sua crítica a Tales de Mileto, o pensador alemão Hegel afirmou que a proposição pela qual o primeiro filósofo ficou conhecido – cuja formulação seria aproximadamente ‘a água é o princípio essencial de todos os seres’ – é filosófica porque enunciaria a concepção de que tudo é um. Assim, a infinda multiplicidade dos seres remeteria a uma unidade essencial. Para Hegel, porém, esse princípio essencial deve ser absolutamente diferente dos seres que ele gera, sustenta e comanda.

Com base no que foi dito, é **correto** afirmar.

- a) Hegel concorda com a tese de Tales de que a água é o princípio essencial dos múltiplos seres.
- b) Hegel afirma que a multiplicidade não pode ser submetida a um princípio essencial.
- c) O primeiro filósofo afirma que o princípio essencial é universalmente diferente dos seres gerados.
- d) Hegel supõe que a filosofia diz a unidade dos seres, mas que a essência não é um ser entre outros.
- e) Tales se baseou na necessidade da água para os seres vivos, para fundar a filosofia da natureza.

11. Enem

C1H1

Texto I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. *Fragmentos (Sobre a natureza)*. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Adaptado).

Texto II

Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênuo e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES. *Da natureza*. São Paulo: Loyola, 2002. (Adaptado).

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das

- a) investigações do pensamento sistemático.
- b) preocupações do período mitológico.
- c) discussões de base ontológica.
- d) habilidades da retórica sofística.
- e) verdades do mundo sensível.

12. UEL-PR

De onde vem o mundo? De onde vem o universo? Tudo o que existe tem que ter um começo. Portanto, em algum momento, o universo também tinha de ter surgido a partir de uma outra coisa. Mas, se o universo de repente tivesse surgido de alguma outra coisa, então essa outra coisa também devia ter surgido de alguma outra coisa algum dia. Sofia entendeu que só tinha transferido o problema de lugar. Afinal de contas, algum dia, alguma coisa tinha de ter surgido do nada. Existe uma substância básica a partir da qual tudo é feito? A grande questão para os primeiros filósofos não era saber como tudo surgiu do nada. O que os instigava era saber como a água podia se transformar em peixes vivos, ou como a terra sem vida podia se transformar em árvores frondosas ou flores multicoloridas.

GAARDER, J. *O Mundo de Sofia*. Trad. de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 43-44. (Adaptado).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o surgimento da filosofia, assinale a alternativa correta.

- a) Os pensadores pré-socráticos explicavam os fenômenos e as transformações da natureza e porque a vida é como é, tendo como limitador e princípio de verdade irrefutável as histórias contadas acerca do mundo dos deuses.
- b) Os primeiros filósofos da natureza tinham a convicção de que havia alguma substância básica, uma causa oculta, que estava por trás de todas as transformações na natureza e, a partir da observação, buscava descobrir leis naturais que fossem eternas.
- c) Os teóricos da natureza que desenvolveram seus sistemas de pensamento por volta do século VI a.C. partiram da ideia unânime de que a água era o princípio original do mundo por sua enorme capacidade de transformação.
- d) A filosofia da natureza nascente adotou a imagem homérica do mundo e reforçou o antropomorfismo do mundo dos deuses em detrimento de uma explicação natural e regular acerca dos primeiros princípios que originam todas as coisas.
- e) Para os pensadores jônicos da natureza, Tales, Anaxímenes e Heráclito, há um princípio originário único denominado o ilimitado, que é a reprodução da aparência sensível que os olhos humanos podem observar no nascimento e na degeneração das coisas.

- 13. Unesp-SP** – Alguns historiadores da ciência atribuem ao filósofo pré-socrático Empédocles a Teoria dos Quatro Elementos. Segundo essa teoria, a constituição de

tudo o que existe no mundo e sua transformação se dariam a partir de quatro elementos básicos: fogo, ar, água e terra. Hoje, a química tem outra definição para elemento: o conjunto de átomos que possuem o mesmo número atômico. Portanto, definir a água como elemento está quimicamente incorreto, porque trata-se de

- a) uma mistura de três elementos.
- b) uma substância simples com dois elementos.
- c) uma substância composta com três elementos.
- d) uma mistura de dois elementos.
- e) uma substância composta com dois elementos.

14. Unimontes-MG – Dizia Pitágoras que três tipos de pessoas compareciam aos Jogos Olímpicos: as que iam comerciar durante os jogos, ali estando apenas para satisfazer a própria cobiça, sem se interessar pelos torneios; as que iam para competir e brilhar, isto é, os atletas e artistas; e as que iam para assistir aos jogos e torneios, para avaliar e julgar o valor dos que ali se apresentavam. Esse terceiro tipo de pessoa, dizia Pitágoras, é como o filósofo. Com isso, Pitágoras queria dizer:

- a) O filósofo é movido por interesses comerciais e financeiros e também pelo desejo de observar, contemplar, julgar e avaliar as coisas. É movido pelo desejo de saber.
- b) O filósofo não é movido por interesses comerciais e financeiros. É movido pelo desejo de observar, contemplar, julgar e avaliar as coisas. Não é movido pelo desejo de saber.
- c) O filósofo é movido por interesses comerciais e financeiros. Não é movido pelo desejo de observar, contemplar, julgar e avaliar as coisas. Não é movido pelo desejo de saber.
- d) O filósofo não é movido por interesses comerciais e financeiros e, sim, pelo desejo de observar, contemplar, julgar e avaliar as coisas. É movido pelo desejo de saber.

15. Enem

C1H1

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: Tudo é um.

NIETZSCHE, F. Crítica moderna. In: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

- a) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.

- b) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- c) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- d) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- e) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

16. Unicentro-PR – A filosofia grega está dividida em dois períodos, antes e depois de Sócrates. Embora ele não tenha deixado nenhum escrito, seus ensinamentos são estudados até os tempos atuais. A alternativa em que se registra uma afirmativa referente a esse filósofo é a

- a) A ironia desenvolvida pelo filósofo grego tem em seu escopo a parturição de ideias metafísicas e irrealis.
- b) A maiêutica representa na filosofia socrática um conjunto de argumentos falaciosos e desprovidos da intencionalidade da verdade.
- c) Tanto a maiêutica quanto a ironia socrática, ao longo do devir histórico social, representam um engodo epistemológico substancial.
- d) A maiêutica socrática representa uma tentativa no estabelecimento de dogmas irrefutáveis.
- e) A ironia e a maiêutica figuram na filosofia socrática como metodologias de investigação.

17. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

O pensamento de Sócrates e dos sofistas deve ser entendido, portanto, tendo como pano de fundo o contexto histórico e sociopolítico de sua época, pois tem um compromisso bastante direto e explícito com essa realidade.

MARCONDES, D. *Iniciação à História da Filosofia. Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 40.

Sobre o contexto histórico e sociopolítico que marca o debate entre Sócrates e os sofistas, conforme aludido no texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. Debate com atenção voltada para as questões que almejam assegurar os fundamentos da natureza.
- II. Tematização das questões de ordem metafísica com a pretensão de racionalização do divino.
- III. O interesse pela problemática ético-política perpassa o debate que marca o contexto de ambos.
- IV. Compromisso bastante direto, ainda que com posicionamentos distintos, em relação ao exercício da democracia.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C1-H1

A representação de Demócrito é semelhante à de Anaxágoras, na medida em que um infinitamente múltiplo é a origem; mas nele, a determinação dos princípios fundamentais aparece de maneira tal que contém aquilo que para o que foi formado não é, absolutamente, o aspecto simples para si. Por exemplo, partículas de carne e de ouro seriam princípios que, através de sua concentração, formam aquilo que aparece como figura.

HEGEL, G.W. *Crítica moderna*. In: SOUZA, J.C. (Org.). *Os pré-socráticos: vida e obra*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Adaptado).

O texto faz uma apresentação crítica acerca do pensamento de Demócrito, segundo o qual o “princípio constitutivo das coisas” estava representado pelo(a)

- a) número, que fundamenta a criação dos deuses.
- b) devir, que simboliza o constante movimento dos objetos.
- c) água, que expressa a causa material da origem do universo.
- d) imobilidade, que sustenta a existência do ser atemporal.
- e) átomo, que explica o surgimento dos entes.

19. Enem

C5-H24

Uma conversação de tal natureza transforma o ouvinte; o contato de Sócrates paralisa e embaraça; leva a refletir sobre si mesmo, a imprimir à atenção uma direção incomum: os temperamentais, como Alcibíades, sabem que encontrarão junto dele todo o bem de que são capazes, mas fogem porque receiam essa influência poderosa, que os leva a se censurarem. É, sobretudo, a esses jovens, muitos quase crianças, que ele tenta imprimir sua orientação.

BRÉHIER, E. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

O texto evidencia características do modo de vida sócrático, que se baseava na

- a) contemplação da tradição mítica.
- b) sustentação do método dialético.
- c) relativização do saber verdadeiro.
- d) valorização da argumentação retórica.
- e) investigação dos fundamentos da natureza.

20. Enem

C5-H23

Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.

RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo *A República*, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de

- a) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.
- b) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.
- c) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.
- d) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.
- e) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.



FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE II

- Platão
- Aristóteles
- Outras escolas filosóficas da Antiguidade

HABILIDADES

- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Comparar pontos de vista expressos em textos analíticos e interpretativos.
- Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

Entre 428 e 347 a.C., os gregos vivenciaram um período conturbado, presenciando eventos como a queda de Atenas e, conseqüentemente, a deterioração do modelo democrático, o qual foi tomado por interesses particulares e infestado de oradores hábeis nos discursos de conteúdo vazio. Esse estado de deterioração frustrou pessoas como Platão, um filósofo daquele período, desolado com a democracia ateniense, que dedicava-se a propor projetos de organização de outra cidade, Siracusa, sem sucesso. Isso certamente o influenciou a considerar a democracia como a pior forma de governo, em oposição à melhor, a monarquia, a seu ver.

Platão

Discípulo de Sócrates, cuja execução lhe reforçou a aversão à democracia, Platão dedicou-se a disseminar o conhecimento filosófico por meio de sua **Academia**, primeira instituição a erguer-se com o intuito de produzir, preservar e gerar mais conhecimento entre um número cada vez maior de cidadãos.

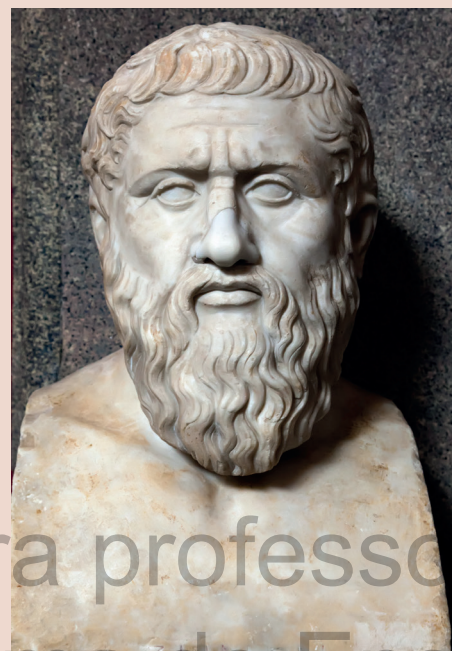
Suas ideias influenciaram vários filósofos posteriores, mantendo-se até hoje como interessante instrumento de análise filosófica. Pode-se afirmar que Platão é um dos pilares do pensamento ocidental.

O MUNDO IDEAL

Platão foi o pensador que se preocupou em dar resposta positiva aos encaminhamentos de Sócrates, estabelecendo uma teoria do conhecimento ao retomar as discussões entre os imobilistas, seguidores de Parmênides, e conferindo importante consideração sobre o movimento da mudança defendido pelos heraclitianos.

Platão voltou sua filosofia diretamente para o próprio homem, sem cair nos equívocos sofisticos de Protágoras ou Górgias. A busca pelo conhecimento e por sua produção tornou-se seu objeto de estudo, apoiando-se na maiêutica socrática, mas ampliando seu alcance e aperfeiçoando sua capacidade de esclarecimento. Assim, Platão construiu um sistema que definiu o conhecimento como verdadeira obra epistemológica — *área da filosofia que versa sobre uma ou várias ciências em particular, e não sobre o saber geral* (COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. Martins Fontes: São Paulo, 2003).

A busca pela verdade, em Platão, remeteria a um caminho pelo qual, por meio do pensamento, o homem atingiria o mundo ideal, onde estão as ideias verdadeiras de todas as coisas do mundo. Essas ideias, quando alcançadas, poderiam fundamentar a vida no mundo sensível e nos auxiliar a elaborar conceitos para uma boa vida.



Escultura representando o rosto do filósofo grego Platão.

VLADIMIR KOROSTYSHEVSKIY/DREAMSTIME.COM

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino

Dom Bosco

O mundo sensível, onde estamos, “encarnados” e distantes do mundo das ideias, é suscetível de ignorância, tentações, impulsividades e todos os outros sentimentos e ações que nos levam a tomar decisões distantes das ideais. Somos sensíveis a falhas, mas podemos utilizar de forma adequada o pensamento e alcançar as ideias perfeitas.

No mundo sensível, portanto, somos desprovidos do conhecimento ideal e acabamos por criar conceitos, formas de organização social e até estruturas físicas que são cópias do mundo ideal. Essas cópias podem ser malfeitas, caso estejamos na ignorância, ou mais próximas da perfeição, caso saibamos utilizar o pensamento.

Para Platão, alcançar as ideias perfeitas só é possível quando nos afastamos da realidade sensível, de seus símbolos e significados, quando percebemos que esta nada mais é que uma aparência imperfeita da verdade que, contraditoriamente, não pode ser tocada, mas apenas compreendida. Nesse mundo intocável residiria o mundo das ideias, o mundo inteligível.

A maior parte das pessoas não se encontra preparada para conceber o mundo das ideias, talvez porque a vivência prolongada do mundo sensível, que elas consideram real, acabe por estabelecer vícios que induzem à aceitação do ilusório, do aparente como verdade. Para explicar a superação dessa dificuldade, Platão usa a **alegoria da caverna**.

Para um grupo de homens que passou toda a existência preso numa caverna, a única realidade observável são as sombras que se alternam na parede, formadas pela luz que vem do mundo de fora, que eles desconhecem. Quando um deles se liberta e abandona a caverna, sua primeira reação é ter um choque com a intensa luminosidade, que o incentiva a retornar à escuridão da caverna. Ele insiste em sair novamente, até que os olhos se acostumam com a luminosidade e observam o mundo verdadeiro, concluindo que as sombras são apenas vislumbre da imensa quantidade de cores e formas.

Diante de tamanha beleza e diversidade, o homem é impelido a retornar à caverna para contar a novidade aos companheiros que, revoltados com o que consideram delírio, negam e tentam calar o esclarecido.

Essa parábola é um tanto quanto elucidativa, pois Platão alerta para a busca da verdade como penosa, exige esforços e sacrifícios igualmente penosos, mas a vida em posse da verdade aproxima o homem da luz e da perfeição que, em suma, são o bem, o verdadeiro, então o alicerce das ideias eternas, que Platão identifica como criador, o artesão primeiro, responsável pela constituição do mundo.

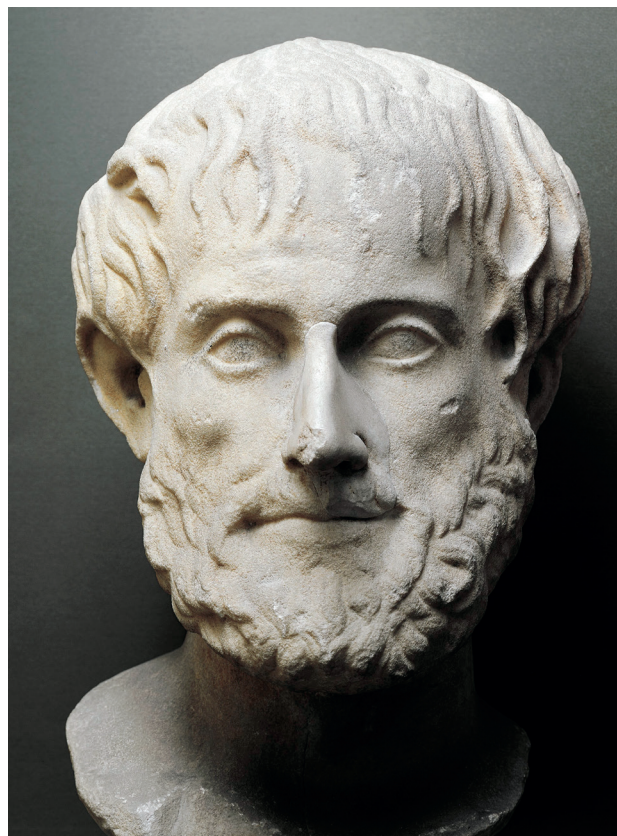
Aristóteles

O apogeu resultante da vitória contra os inimigos persas durou pouco tempo na Hélade. As cidades-Estado começaram a organizar-se rapidamente e as opções

expansionistas de Atenas, enriquecida e fortalecida com o governo de Péricles, provocaram seu choque direto com a rival Esparta. Esta saiu vitoriosa, mas os gregos sofreram perdas imensas no conflito fratricida. A derrota de Atenas apenas levou as cidades-Estado a um ciclo de conflitos internos que favoreceram seus vizinhos, os macedônios.

Filipe, rei da Macedônia, foi o responsável pelo domínio das cidades gregas. Seu filho, Alexandre, deu continuidade à expansão. O contexto de submissão e derrota pode ser considerado um dos fatores que contribuíram para a crise da pólis grega e dos seus modelos políticos. Esse quadro influenciou a visão política de Aristóteles, nascido em Estagira, em 384 a.C.

O estagirita abandonou a cidade natal para ser discípulo de Platão na Academia, entre os 18 e 38 anos de idade, tornando-se seu mais importante aprendiz e crítico. Com a morte de seu mestre, Aristóteles tornou-se preceptor de Alexandre Magno, mantendo relação conflituosa com o jovem conquistador. Fundou o **Liceu**, centro de estudos que se propunha a investigar ideias acerca do homem e das coisas que moviam o mundo, mostrando clara influência de Platão.



Escultura representando o rosto do filósofo macedônio Aristóteles.

A produção filosófica no Liceu, como anotações de aulas e cursos, textos diversos e alguns poucos diálogos, corresponde à maior parte da obra de Aristóteles efetivamente salva e acessível atualmente. Ela revela o notável pensador e inesgotável curioso que se dedicou aos mais variados assuntos — biologia, política, ética etc.

A concepção aristotélica diferia significativamente da platônica, principalmente quanto à afirmação de ser possível alcançar o conhecimento, a verdade, apenas no mundo inteligível, material. Esse conflito marcou a filosofia antiga e teria enorme influência em todo o período medieval e início do moderno, até o advento iluminista, sendo ainda decisivo na concepção atual de ciência.

SUPERAÇÃO DO IDEALISMO PLATÔNICO

Assim como Platão, Aristóteles dedicou-se a superar a questão de Parmênides e Heráclito de maneira diferente de seu mestre. Ousou discordar de Platão quanto à origem e à produção do conhecimento. Aristóteles não conseguia compreender a necessidade de existir um mundo inteligível semelhante ao mundo sensível em que vivia para resolver os problemas relativos ao conhecimento, à busca da verdade. Para Aristóteles, uma teoria do conhecimento deveria abarcar o mundo material e as transformações que indicavam a existência do ser e das coisas e não poderia desvalorizar a natureza da transformação como se fosse enganosa e remetesse apenas à aparência das coisas.

Em sua concepção, o mundo das ideias afastava o filósofo do conhecimento, pois era constituído de hipóteses sem sustentação lógica. Se houvesse realmente a existência desse mundo, precisaria acreditar na existência de uma realidade superior formada de ideias das quais nosso mundo seria apenas cópia imperfeita e perecível. Isso já era suficiente para se colocar em dúvida a teoria do conhecimento de Platão. Assim, tal mundo inteligível, como seu mestre apresentara, seria intangível e desnecessário, visto que toda a matéria-prima de que necessitava para produzir seu conhecimento se encontrava ao redor, ou seja, no mundo material que vivia em constante transformação.

Aristóteles dedicou-se a buscar um instrumento mais seguro para constituir uma ciência que fornecesse conhecimento confiável. Não era necessário, afinal, um mundo das ideias para compreender o inteligível. Ele estaria presente na diversidade e multiplicidade que é o "ser". "Eis aí o grande equívoco dos filósofos anteriores," declarou Aristóteles.

Esse caminho foi possível porque Aristóteles partiu de uma interessante constatação filosófica: existem verdades que simplesmente não podem ser negadas, como o fato de que todos nós, sem exceção, vamos algum dia morrer. Essas pequenas verdades, chamadas de **axiomas**, constituem o tijolo central da filosofia aristotélica.

Para realizar esse percurso rumo ao conhecimento, fazia-se necessário estabelecer rigoroso raciocínio fundamentado numa lógica formal. Daí a preocupação de Aristóteles com a constituição do discurso.

Aristóteles não viu a arte dos sofistas, a retórica, como prática que impede a busca da verdade. No entanto, o alcance da verdade deriva de discursos corre-

tamente elaborados a partir de axiomas comprovados – condição para se construir a base do conhecimento. Não se sustenta, portanto, um *sofisma*, atualmente compreendido enquanto o uso do raciocínio lógico para construir argumentos que "fazem sentido", mas estão desprovidos de consistências históricas, materiais e de comprovações. Tal interesse exigiu de Aristóteles um estudo significativo da língua grega, bem como de sua classificação, o que lhe permitiu organizar uma das primeiras gramáticas conhecidas, fato que fortaleceu a importância que Aristóteles atribuiu à palavra e à fala.

Os axiomas engendrados com a retórica são entendidos como prática do silogismo, base da **lógica aristotélica**. Ele funciona com a construção de pequenas frases axiomáticas que se conectam num esquema simples: imagine, então, que a **premissa 1** seja A B; que a **premissa 2** seja B C. A **conclusão** será A C. Para que esse conjunto de relações se torne verdadeiro, é preciso observar algumas regras, como o fato de que todos os participantes (A, B e C) devem ser termos de grandezas distintas (exemplo: mortal, homem e Alexandre) e ter relação com um mesmo gênero de coisas. No exemplo citado, os termos se referem ao homem. Ressalte-se que os termos são sempre gerais, nunca particulares (exemplo: Alexandre tem uma cicatriz). A cicatriz corresponde a dado específico, impossibilitando informação genérica sobre os homens. Significa dizer que a cicatriz define propriamente o acidente, que pode dar uma qualidade a Alexandre, mas não qualificar todos os homens. Assim, numa perspectiva lógica, linguística e gramatical, somente certas afirmações são condizentes e então consideradas conhecimento sobre um assunto. Generalizações, considerando a perspectiva assinalada, contribuem para obtenção de uma verdade, visto que jamais encontrarão uma objeção. Esse tipo de trabalho do filósofo chama-se silogismo.

Exemplo prático de silogismo em nosso cotidiano, sem uso dos termos citados:

PREMISSA 1: Todo cachorro late. A primeira premissa, ou proposição, sempre é genérica, de modo a identificar ação entre o termo intermediário e o superior.

PREMISSA 2: Nino Jorge é um cachorro. A segunda premissa, ou termo, liga sempre o termo inferior ao intermediário, permitindo a conclusão.

CONCLUSÃO: Nino Jorge late. Se as duas primeiras premissas forem verdadeiras e o peso entre os termos for respeitado, a conclusão sempre será verdadeira, propiciando a construção do conhecimento, de modo a partir do sensível, do mundo ao nosso redor, em direção ao inteligível, onde são explicados os acontecimentos e as ocorrências do mundo real.

O SER E SUA COMPREENSÃO

Por intermédio da lógica e da aplicação do silogismo, é possível compreender como partir de afirmação genérica para chegar à afirmação específica. Ainda é preciso decifrar o ser e seu significado. Aristóteles rompeu com Parmênides ao afirmar que o ser não é uno, mas divisível e diferenciado. Da mesma forma, Aristóteles rompeu com Platão ao negar a existência de um mundo inteligível, dizendo que tal solução dificulta a compreensão do ser. Como resolver a questão?

De acordo com Aristóteles, é necessário compreender o ser com base em suas particularidades, chamadas de termos ou categorias, para lhe compreender a especificidade. Exemplo: todo ser apresenta substância, aquilo que o ser (a coisa) efetivamente é, sua essência, seu significado. Além da substância, o ser apresenta qualificações que lhe são dadas e se podem alterar. Trata-se dos “acidentes”, divididos em nove categorias: quantidade, qualidade, relação, tempo, posição, lugar, estado, paixão e hábito. Os acidentes não possuem relevância, uma vez que estão em constante transformação, não havendo ligação entre eles e a essência do ser, que apenas recebe um atributo, o acidente em si.

Se dá para compreender o ser com base em sua descrição, é importante aprofundar-se um pouco mais. Todo ser, em sua substância, compõe-se de dois princípios-base da manifestação: a forma (o que dá sentido ao ser) e a matéria (aquilo de que o ser é constituído). Ambos existem simultaneamente no ser e dividem-se, como no caso das categorias, com o intuito de compreendê-lo intelectualmente.

Matéria e forma, elementos constituintes do ser, estão em constante transformação, em perpétuo mo-

vimento, o que somente se entende somando, ao primeiro par, outras duas categorias: **potência** e **ato**.

Todo ser guarda em si a capacidade de se transformar, a força para mudar aquilo que é. Trata-se da capacidade de potência, algo intrínseco às coisas e ao sentido delas. Para que a verdade seja expressa, é necessário mudança. Assim, entende-se que a verdade de uma semente é uma árvore, pois dentro da semente está sua potência, a capacidade de se tornar árvore. Se ela vai ou não se tornar uma árvore, depende da sua possibilidade de se transformar. Isso explica o movimento necessário do mundo. Em resumo: entende-se que a potência seja a árvore e a semente, um ato de realização da árvore. O sentido se realiza quando ato e potência são a mesma coisa.

O momento de passagem do ato para a realização da potência constitui um movimento, princípio perseguido pelos filósofos antigos que é sinônimo de conhecimento e sabedoria. O movimento de transformação é responsável por fazer a matéria adquirir forma específica e, sendo um evento contínuo, a cada realização de potência-ato, o ser adquire nova forma, o que só é possível graças à alma, força responsável pelo impulso que permite a passagem entre atos para a afirmação, em ato, da potência. Isso leva à questão das causas (motivo ou razão) de tal transformação.

Como os quatro elementos — matéria e forma, potência e ato — estão presentes simultaneamente no ser e existem simultaneamente na forma de ideia, concepção intelectual, Aristóteles julga ser pertinente entender o motivo da existência de cada um deles e de sua atuação dentro do ser. É preciso compreender as causas que o movem. Partindo dessa concepção,



ALBUM/AG-IMAGES/SCHÜTZE/RODEMANNALBUM/FOTOREN

SPANGENBERG, Gustav Adolph. A escola de Aristóteles, 1833-1888.

Material exclusivo para professores
com o novo sistema do Sistema de Ensino

Dom Bosco

Aristóteles desenvolveu a teoria das causas, que identificou em número de quatro: a causa material ou aquilo de que o ser é feito, a causa formal ou a ideia que dá forma ao ser, a causa eficiente ou a força que promove a transformação da matéria na ideia concebida, a causa final ou a finalidade do movimento de transformação.

Bom exemplo para compreender essa teoria é o da produção de uma estátua: a causa material seria um bloco de mármore, encomendado pelo escultor, que o modelaria conforme sua concepção de obra de arte. No caso, imagine uma estátua de Zeus, deus grego. A ideia da figura de Zeus é a causa formal que só se realizará quando o escultor começar a esculpir, dando a forma desejada ao bloco de mármore. O ato de esculpir é a causa eficiente. Por fim, a estátua foi encomendada para uma praça da cidade, daí a causa final: melhorar o senso estético da praça.

No caso do conhecimento sobre o homem, a realização de sua felicidade só é possível se o fim de suas ações for entendido. Daí a preocupação com a ética, a sobriedade e o equilíbrio. Nesse sentido, Aristóteles buscou compreender a excelência das virtudes humanas, chamadas de virtudes morais (éticas) e virtudes intelectuais (dianoéticas). As primeiras correspondem à convivência civilizada com outros homens (domínio dos apetites); as segundas referem-se às formas de saber e do bem pensar (contemplação do mundo, ciência e produção artística).

GOVERNO IDEAL

Como no caso de Platão, a obra política de Aristóteles procurou adequar sua noção de bem e ética à vida numa cidade, sociedade organizada idealmente, de modo que todos possam ser felizes, lembrando que a felicidade corresponde à busca e ao exercício da sabedoria.

Essa sabedoria advém da característica que nos torna humanos: a natureza de raciocínio e de transformação desses pensamentos em discursos, denominado *logos*. Essa nossa característica permite o confronto de ideias, a construção de uma vida coletiva e, se pautada pela ética, uma boa vida entre todos. O homem é, segundo Aristóteles, um animal político (ou, cívico), porque desenvolve o *logos* e, na pólis, é capaz de desenvolver plenamente sua natureza política ao construir coletivamente uma boa vida social. Nas palavras do filósofo:

Assim, o homem é um animal cívico [político], mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e

do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil [família e cidade (pólis)].

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 5.

No governo da cidade, deveria existir uma relação entre ética e política, na qual o prudente legislaria, sempre levando em consideração os interesses comuns, o bem público. O ato de legislar corresponde a ato de justiça. Assim, prudência e justiça se equivalem nos campos da ética e da política. Influenciado pelo período em que viveu e pelos governos que presenciou, Aristóteles escreveu a obra **Política**, que dedicou ao estudo do Estado (a cidade-Estado, mais especificamente), à sua formação, às formas de governo e às constituições existentes, seguindo o mesmo sistema classificatório e hierarquizante de toda a sua obra.

Aristóteles fez uma classificação dos regimes políticos segundo dois critérios: número de pessoas que participam da tomada de decisão e sua excelência (areté). Segundo ele, o governo podia ser exercido por uma pessoa, por alguns ou por muitos.

O governo exercido por um podia ser o da realeza, se fosse caracterizado pela honra (virtude ética), ou o da tirania, se fosse marcado pelo vício (ausência de honra/governo exercido contra o bem comum).

O governo exercido por poucos podia ser aristocrático, se fosse definido pela moderação, ou oligárquico, se assinalado pelo privilégio e pela avareza.

O governo de muitos podia ser popular e constitucional, se fosse marcado pela mesma prudência (valores éticos), ou se desviar para a democracia, se fosse dado ao privilégio da pobreza (grosseria, demagogia e inveja).

Afirmava, ainda, que um governo só poderia ser bom ou justo quando fosse exercido para o bem de todos. Os riscos eram encontrados quando um, alguns ou muitos exerciam o poder sem ética, pois o bom governo depende disso, da prática da virtude, da prudência e da moderação. Ele chegou a dizer que o desejável seria a criação de um sistema político que envolvesse pobres e ricos, o povo e a aristocracia, como forma de exercício de equilíbrio entre apetites (interesses particulares) benéficos à coletividade. Da aristocracia, o sistema receberia homens com possibilidade de dedicação integral aos assuntos políticos; do regime popular, receberia o conhecimento de todos os cidadãos que zelavam pela vigilância das práticas governamentais. Aqui se entenda assim: oligarquia como governo dos ricos para os ricos e democracia como governo dos pobres para os pobres. Nos dois casos não haveria governo bom. Conclusão: o sistema misto evitaria a corrupção e os desvios do que se considerava bem comum e, dessa forma, a justiça seria feita na pólis. Isso constituía a **politeia**: regime de todos os homens livres, ricos e pobres atuando para o bem.

Outras escolas filosóficas da Antiguidade

As últimas escolas filosóficas relevantes que presenciaram o ocaso grego foram as helenísticas, surgidas no período da pólis grega subjugada em definitivo pelos macedônios e, mais tarde, pelos romanos.

As escolas helenísticas, com destaque para o epicurismo e o estoicismo, absorveram o impacto da decadência dos gregos, em termos de visão de mundo. Procuraram dar outro sentido à filosofia, de acordo com suas perspectivas: enquanto a epicurista mais voltada para o prazer, a estoica voltou-se para o rigor.

Mais do que se inserirem na decadência do mundo grego, essas linhas filosóficas influenciaram principalmente os romanos que, se por um lado, não possuíam a tradição do pensar filosófico e do domínio da metafísica, por outro, eram responsáveis por preservar a tradição filosófica grega e difundi-la pela Europa Ocidental.

A falta de tradição entre os romanos não impediu o aparecimento de filósofos que procuravam retomar os debates dos gregos. Embora não criasse nada novo, essa corrente contribuía para a preservação do

pensar filosófico, dessa vez em torno das necessidades romanas.

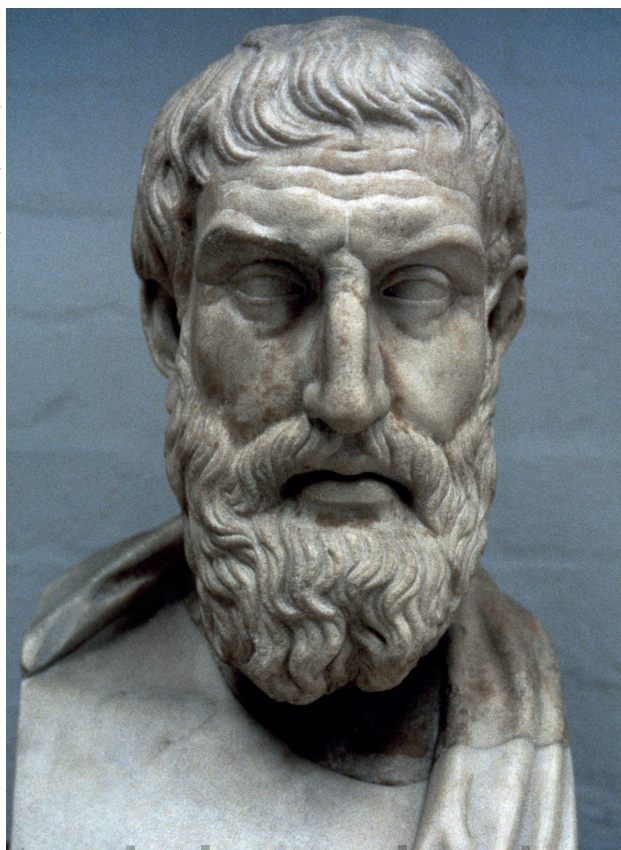
Os filósofos romanos (Sêneca e o imperador Marco Aurélio são os mais conhecidos) procuravam ater-se à questão da moral, o que refletia a preocupação com a lei e a legislação, marca da organização romana em seu período republicano e imperial.

A filosofia grega influenciou a elite romana e acabou por chamar a atenção do cristianismo primitivo, que via a busca dos filósofos gregos pela sabedoria e pela verdade como tentativa de antecipar a palavra de Cristo e a busca da salvação.

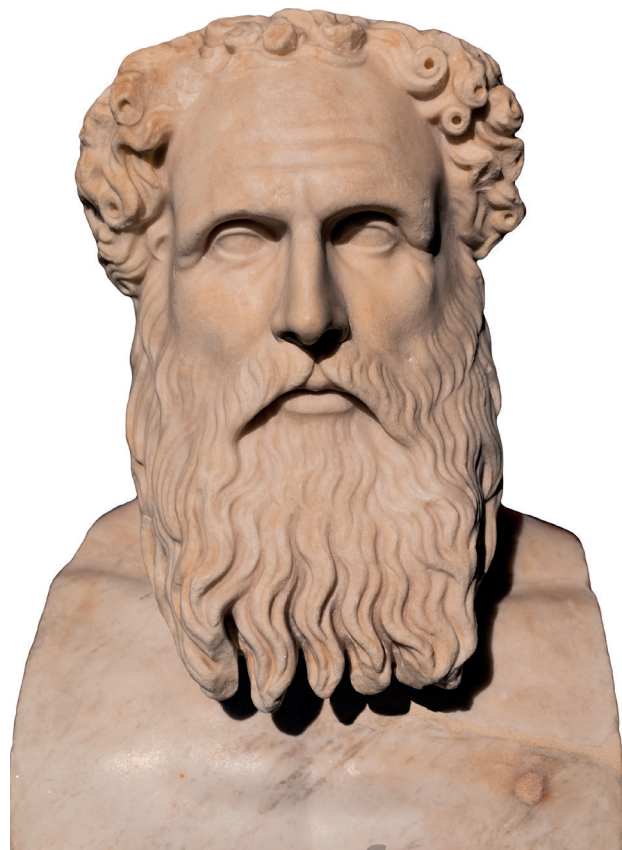
Nesse aspecto, os primeiros cristãos deram contribuição significativa à esfera filosófica não só por preservá-la, mas também por iniciar diálogo com a fé na tentativa de compreender e explicar os dogmas religiosos por meio de instrumento racional.

O cristianismo foi responsável por preservar os textos filosóficos antigos quando da desintegração do Império Romano, iniciada com as invasões bárbaras. Outra via de conservação do pensamento filosófico esteve no mundo islâmico medieval, mais precisamente no interesse de intelectuais muçulmanos pelas obras de Platão e Aristóteles.

ALBUM/PRISMA/ALBUM/FOTORENA



Escultura representando o rosto de Epicuro, fundador do epicurismo, filosofia helenística.



Escultura representando o rosto de Zenão de Cítio, fundador do estoicismo, filosofia helenística.

LEFTERIS PAPAULAKIS/DREAMSTIME.COM

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

ROTEIRO DE AULA

FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE

Filosofia cujo foco está na obtenção das verdades sobre as coisas mundanas, as quais podem ser acessadas por meio do estudo filosófico que objetive o alcance dos conceitos ideais.

Platão e a verdade

Filosofia que se concentra na premissa do homem como um animal político, portanto, capaz de, por meio da disputa de argumentos numa ágora política, construir conceitos e regras sociais para uma boa vida em sociedade.

Aristóteles e o logos

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C5-H23

SANZIO, Rafael. *A Escola de Atenas* (detalhe), 1509-1511. Vaticano.

No centro da imagem, o filósofo Platão é retratado apontando para o alto. Esse gesto significa que o conhecimento se encontra em uma instância na qual o homem descobre a

- a) suspensão do juízo como reveladora da verdade.
- b) realidade inteligível por meio do método dialético.
- c) salvação da condição mortal pelo poder de Deus.
- d) essência das coisas sensíveis no intelecto divino.
- e) ordem intrínseca ao mundo por meio da sensibilidade.

Segundo Platão, o conhecimento se encontra no mundo das ideias, uma realidade que só pode ser conhecida por meio do método dialético. Caso não usemos a razão para acessar tal mundo das ideias perfeitas, limitaremos nossa existência à imperfeição do mundo sensível.

Competência – Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade – Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

2. Unioeste-PR

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática.

Aristóteles

Considerando a citação acima e o pensamento de Aristóteles, assinale a alternativa **correta**.

- a) Para o autor, a virtude se encontra entre dois extremos. Por isso, também podemos chamá-la de doutrina do justo meio.
- b) Fazer o bem consiste em permitir que as virtudes, compreendidas como inatas no homem, apresentem-se através de suas ações.
- c) A virtude corresponde à astúcia política daqueles que governam, a fim de se obter sucesso através dos favores da fortuna e, com isso, alcançar a glória e manter o poder dos príncipes.
- d) As virtudes não podem ser aprendidas com a prática, pois são habilidades das quais só alguns são dotados, como tocar um instrumento musical, pintar ou falar bem.
- e) É preciso avaliar os sentimentos a partir de uma escala de preferências. A atribuição de valor é feita considerando-se o prazer gerado.

Segundo Aristóteles, a virtude encontra-se na “justa medida” entre dois extremos. É encontrada a partir do uso da razão sobre as situações vividas, não de uma condição inata a alguns indivíduos.

3. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

Vemos que toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda comunidade se forma com vistas a algum bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhes parece um bem; se todas as comunidades visam a algum bem, é evidente que a mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens; ela se chama cidade e é a comunidade política.

ARISTÓTELES. *Política*. 3.ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. p.13.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Aristóteles e a constituição da cidade-Estado, assinale a alternativa correta.

- a) É constituída independentemente da vontade humana, sendo empecilho para a liberdade.
- b) É uma construção natural, pois o fim dos seres humanos é viver em comunidade.
- c) Conjuntamente com as leis, são entraves à liberdade do indivíduo que lhes impõem o comando.
- d) Impede que os seres humanos conquistem a condição de cidadãos do mundo, ficando restritos.
- e) Resulta dos caprichos dos seres humanos em querer garantir vantagens individuais.

Segundo Aristóteles, o homem é um animal político. Essa sua natureza influencia para que busque a vida em sociedade, na qual criará regras, julgará conflitos e exercerá atividades públicas objetivadas para a boa vida em sociedade.

4. Unimontes-MG – Aristóteles, filósofo grego, classificava o homem como um animal racional. A racionalidade seria uma característica inata da nossa espécie. Qual o significado do ato de filosofar?

- a) Os homens filosofam por pura brincadeira, não tendo como finalidade a busca do conhecimento.
- b) Os homens filosofam para complicar a vida, buscando deixar a vida mais difícil.
- c) Os homens filosofam para manter as estruturas de poder, buscando o conhecimento unicamente em vista do poder.
- d) Os homens filosofam para se libertarem da ignorância, buscando o conhecimento unicamente em vista do saber.

A filosofia tem como compromisso a busca de conhecimento por meio do pensamento racional, com o objetivo de favorecer uma boa vida e a felicidade aos humanos.

5. UEL-PR – Leia os textos a seguir.

A arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição.

PLATÃO. *A República*. 7.ed. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993. p. 457. (Adaptado).

O imitar é congênito no homem e os homens se comprazem no imitado.

(Adaptado de: ARISTÓTELES. *Poética*. 4.ed. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p.203. (Coleção Os Pensadores.))

Com base nos textos, nos conhecimentos sobre estética e a questão da mimesis em Platão e Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) Para Platão, a obra do artista é cópia de coisas fenomênicas, um exemplo particular e, por isso, algo inadequado e inferior, tanto em relação aos objetos representados quanto às ideias universais que os pressupõem.
- b) Para Platão, as obras produzidas pelos poetas, pintores e escultores representam perfeitamente a verdade e a essência do plano inteligível, sendo a atividade do artista um fazer nobre, imprescindível para o engrandecimento da pólis e da filosofia.
- c) Na compreensão de Aristóteles, a arte se restringe à reprodução de objetos existentes, o que veda o poder do artista de invenção do real e impossibilita a função caricatural que a arte poderia assumir ao apresentar os modelos de maneira distorcida.
- d) Aristóteles concebe a mimesis artística como uma atividade que reproduz passivamente a aparência das coisas, o que impede ao artista a possibilidade de recriação das coisas segundo uma nova dimensão.
- e) Aristóteles se opõe à concepção de que a arte é imitação e entende que a música, o teatro e a poesia são incapazes de provocar um efeito benéfico e purificador no espectador.

Platão defende a existência de dois mundos: inteligível (das ideias) e sensível (da materialidade). Neste, onde vivemos, não temos acesso ao conhecimento universal e verdadeiro, portanto criamos ideias que são cópias deformadas do mundo das ideias. A arte, produzida no mundo sensível, é uma cópia dessas cópias deformadas. A arte está, portanto, num grau ainda mais inferior perante a verdade.

6. **Unioeste-PR** – Segundo a conhecida alegoria da caverna, que aparece no Livro VII da República, de Platão, há prisioneiros voltados para uma parede em que são projetadas as sombras de objetos que eles não podem ver. Esses prisioneiros representam a humanidade em seu

estágio de mais baixo saber acerca da realidade e de si mesmos: a doxa, ou “opinião”. Um desses prisioneiros é libertado à força, num processo que ele quer evitar e que lhe causa dor e enormes dificuldades de visão (conhecimento). Gradativamente, ele é conduzido para fora da caverna, a um estágio em que pode ver as coisas em si mesmas, isto é, os fundamentos eternos de tudo o quê, antes, ele via somente mediante sombras. Esses fundamentos são as Formas. Para além das Formas, brilha o Sol, que representa a Forma das Formas, o Bem, fonte essencial de todo ser e de todo conhecer e unicamente acessível mediante intuição direta. Com base nisso, responda à seguinte questão: se chegamos ao conhecimento das Formas mediante a dialética, que é o estabelecimento de fundamentos que possibilitam o conhecimento das coisas particulares (sombras), é **correto** dizer:

- a) para Platão, a dialética é o conhecimento imediato (doxa) dos objetos particulares.
- b) o Bem é um objeto particular, que pode ser conhecido sensivelmente, de modo imediato e indolor, por todos os seres humanos.
- c) as Formas são somente suposições teóricas, sem realidade nelas mesmas.
- d) a dialética, que não é o último estágio do ser e do conhecer, permite chegar, mediante um processo difícil, que exige esforço, às coisas em si mesmas (Formas).
- e) a dialética, último estágio do ser e do conhecer, permite chegar, mediante um processo difícil, ao conhecimento do Bem.

Segundo Platão, existem verdades sobre todas as coisas. Essas verdades estão concentradas no mundo das ideias, um espaço que pode ser acessado a partir do uso correto do pensamento filosófico. Aqui, no nosso mundo sensível, existem cópias imperfeitas desses conceitos ideais, os quais podem ser revistos e atualizados a partir da dialética (método filosófico de Platão).

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. **Unicentro-PR** – Leia o texto a seguir.

Livre, para Aristóteles, é o que vive para si e não para outro, mas a liberdade não tem sua existência na vida do indivíduo isolado, mas na vida inserida nas instituições éticas da pólis.

OLIVEIRA, M. A. *Ética e sociabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 61.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) A ética é entendida como ciência neutra, uma vez que aquele que reflete filosoficamente com objetivos ético-práticos comporta-se como um observador.
- b) A filosofia prática pretende refletir sobre a ação humana em que o indivíduo é entendido enquanto pertencente a uma comunidade de cidadãos.
- c) A reflexão ética preocupa-se com os interesses do sujeito, independentemente das relações com os demais.
- d) O ser humano que age no mundo permanece acrítico, posto que os acontecimentos que o atingem são pura facticidade histórica.
- e) O valor do saber prático consiste em estabelecer os princípios da vida ética desvinculados da práxis, tendo como referencial o saber teórico.

8. **UEG-GO** – A história da filosofia grega é geralmente dividida em períodos: período cosmológico, período antropológico-ético, período sistemático e, por fim, teria conhecido a decadência no período helenista. A filosofia de Platão representa bem o período

- a) antropológico-ético, já que, juntamente com Sócrates, procurava ensinar o homem a falar bem para persuadir seu interlocutor.
- b) cosmológico, já que, diante do fracasso de seus antecessores, ele busca a verdade e o princípio originário na ordem natural das coisas.
- c) helenístico, já que ele reflete a decadência da pólis democrática, propondo que os mais corajosos assumam o governo da cidade-Estado.
- d) sistemático, no qual, juntamente com Aristóteles, procurava fazer uma síntese do pensamento anterior pretendendo corrigir seus antepassados.
- e) eclético, já que em sua obra de síntese ele tenta superar as divisões clássicas do pensamento grego, colocando-se acima de qualquer classificação.

9. **Unicentro-PR** – Aristóteles nasceu em 384 a.C., em Estagira, uma cidade da Macedônia, tornando-se um dos grandes filósofos gregos. Em seus ensinamentos, ele distingue quatro tipos de causas para determinar a mudança da realidade, que são

- a) material, metafísica, eficiente e empírica.
- b) formal, final, metafísica e racional.
- c) racional, sensível, final e teológica.
- d) material, formal, eficiente e final.
- e) imaterial, existente, final e eficiente

10.

Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os prisioneiros há um caminho em que homens transportam estatuetas (pequenas estátuas) de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas. Por causa da luz da fogueira, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas atrás de um muro, mas sem poderem ver as próprias estatuetas nem os homens que as transportam. Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado?

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*, 1994. (Adaptado.)

Na alegoria da caverna, a qual figura típica da filosofia de Platão correspondem os seres humanos aprisionados? E o prisioneiro que se liberta das algemas? Explique o significado filosófico dessas duas figuras.

11. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

Na percepção dos antigos (gregos e romanos), o caráter privativo da vida privada, indicado pela própria palavra, era sumamente importante: significava literalmente um estado de encontrar-se privado de alguma coisa, até das mais altas e mais humanas capacidades do homem. Quem quer que vivesse unicamente uma vida privada – um homem que, como o escravo, não fosse admitido para adentrar o domínio público ou que, como o bárbaro, tivesse escolhido não estabelecer tal domínio – não era inteiramente humano.

ARENDETT, H. *A condição humana*.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 46.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa correta.

- a) A vida pública dispensa a vida privada.
- b) A manutenção de relações políticas com outros homens foi, entre gregos e romanos, a condição para uma humanidade plena.
- c) O homem, diferentemente do animal, tem uma vida social que lhe permite criar hierarquias desvinculadas do caráter político.
- d) O surgimento da sociedade marca o abandono das atividades privadas.
- e) Para os antigos, o domínio público era estabelecido naturalmente onde quer que se encontrem homens.

12. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

Alguns julgam que a grandeza de uma cidade depende do número dos seus habitantes, quando o que importa é prestar atenção à capacidade, mais do que ao número de habitantes, visto que uma cidade tem uma obra a realizar. [...] A cidade melhor é, necessariamente, aquela em que existe uma quantidade de população suficiente para viver bem numa comunidade política. [...] resulta evidente, pois, que o limite populacional perfeito é aquele que não excede a quantidade necessária de indivíduos para realizar uma vida autossuficiente comum a todos. Fica, assim, determinada a questão relativa à grandeza da cidade.

ARISTÓTELES, *Política* 1326b6-25 Edição bilíngue.

Tradução e notas de Antônio

C. Amaral e Carlos C. Gomes.

Lisboa: Vega, 1998. p. 495-499.

Com base no texto e considerando o papel da cidade-Estado (pólis) no pensamento ético-político de Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) As dimensões da pólis determinam a qualidade de seu governo: quanto mais cidadãos, maior e melhor será a sua participação política.
- b) A pólis não é natural, por isso é importante organizá-la bem em tamanho e quantidade de cidadãos para que a sociedade seja autossuficiente.
- c) O ser humano, por ser autossuficiente, pode prescindir da pólis, pois o bem viver depende mais do indivíduo que da sociedade.
- d) A pólis realiza a própria obra quando possui um número suficiente de cidadãos que possibilite o bem viver.
- e) O ser humano, como animal político, tende a realizar-se na pólis, mesmo que esta possua quantidade excessiva de cidadãos.

13. Unimontes-MG – O conhecimento filosófico é um trabalho intelectual. É sistemático porque não se contenta em obter respostas para as questões colocadas, mas exige, em primeiro lugar, que as próprias questões sejam válidas e, em segundo lugar, que as respostas sejam verdadeiras. Com relação à filosofia, podemos afirmar:

- a) Fundamenta-se em verdades preestabelecidas e não aceita questionamentos.
- b) Fundamenta-se em dogmas e os considera sempre verdadeiros.
- c) É uma atitude ingênua e pouco reflexiva.
- d) É uma atitude crítica, reflexiva e sempre em movimento.

14. UEL-PR – Leia a tirinha e o texto II a seguir e responda à questão.



© 2018 KING FEATURES SYNDICATE/IPRESS.

Disponível em: <<http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/files/2014/02/AngeliIdeologia.gif>>. Acesso em: abr. 2016.

Texto II

Exercita-te primeiro, caro amigo, e aprende o que é preciso conhecer para te iniciares na política; antes, não. Então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes. Assim, o que precisas alcançar não é o poder absoluto para fazeres o que bem entenderes contigo ou com a cidade, porém justiça e sabedoria.

PLATÃO. *O primeiro Alcebíades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2004. p.281-285.

Com base na tirinha, no texto II e nos conhecimentos sobre a ética e a política em Platão, assinale a alternativa correta.

- a) A virtude individual terá fraca influência sobre o governo da cidade, já que a administração da cidade independe da qualidade de seus cidadãos.
- b) Justiça, sabedoria e virtude resultam da opinião do legislador sobre o que seria melhor para a cidade e para o indivíduo.
- c) O indivíduo deve possuir a virtude antes de dirigir a cidade, pois assim saberá bem governar e ser justo, já que se autogoverna.
- d) Para se iniciar em política, primeiro é necessário o poder absoluto para fazer o bem para a cidade e a si próprio.
- e) Todo conflito desaparece em uma cidade se a virtude fizer parte da administração, mesmo que o dirigente não a possua.

15. UFU-MG – Leia o trecho abaixo extraído do diálogo platônico *O Banquete*.

Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor, ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo,

subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo.

PLATÃO. *O Banquete*. Edição bilíngue. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, p. 147.

Em conformidade com a teoria platônica das ideias, responda:

a) As afirmações “do que é belo aqui” e “em vista daquele belo” designam o quê, respectivamente?

b) Que ciência é esta que se encarrega “daquele próprio belo”, e conhece “enfim o que é em si belo”?

16. Unimontes-MG – Em ano político, o tema toma conta da vida cotidiana. Há pesquisas que indicam as três paixões do brasileiro: política, futebol e religião. Cresce entre as pessoas a ideia de que os temas citados não devem ser discutidos. Com relação à política, Aristóteles afirmava que ela é inseparável da ética.

Aristóteles afirmava:

- a) O homem é um ser social e político. Tem responsabilidades para com a cidade em que habita.
- b) O homem não é um ser social e político. Não tem responsabilidades para com a cidade em que habita.
- c) O homem é um ser social e político. Não tem responsabilidades para com a cidade em que habita.
- d) O homem não é um ser social e político. Deve viver fora da cidade em que habita, sem se preocupar com ela.

17. UEL-PR – Leia o texto a seguir.

Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo,

Material exclusivo para professores convidados do Sistema de Ensino Dom Bosco

subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo.

PLATÃO. *Banquete*, 211 c-d. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 48. (Os pensadores).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a filosofia de Platão, é correto afirmar que

- a) a compreensão da beleza se dá a partir da observação de um indivíduo belo, no qual percebemos o belo em si.
- b) a percepção do belo no mundo indica seus vários graus que visam a uma dimensão transcendente da beleza em si.
- c) a compreensão do que é belo se dá subitamente, quando partimos dele para compreender os belos ofícios e ciências.
- d) a observação de corpos, atividades e conhecimentos permite distinguir quais deles são belos ou feios em si.
- e) a participação do mundo sensível no mundo inteligível possibilita a apreensão da beleza em si.

18. Unioeste-PR

A filosofia de Platão é marcada pelo que se costuma conceber como “teoria das ideias”. Segundo essa teoria, em sua interpretação mais difundida, os elementos estruturantes da realidade são as Ideias – entidades eternas, imutáveis, que constituem os entes por participação. Assim, um ente pode ser, simultaneamente, semelhante e dessemelhante, sem se tornar contraditório, porque participa das ideias da semelhança e da dessemelhança, as quais nunca se confundem. Os entes são combinações de participação nas ideias eternas, mas não têm, neles mesmos, nenhum ser próprio e constante.

Baseando-se nessa interpretação, é **incorreto** afirmar:

- a) para Platão, a “realidade” é essencialmente constituída pelas ideias.
- b) o fundamento da “realidade” não tem, em Platão, natureza empírica, embora governe a constituição dos

entes que surgem como as “sombras” mencionadas na alegoria (República, VII): as sombras representam tudo aquilo que não depende de si mesmo para ser; as ideias, por outro lado, são autônomas.

- c) na filosofia de Platão, o verdadeiro ser é ideal, no sentido de que somente as ideias são propriamente compreendidas como entes, porque não têm que participar de outras entidades para ser.
- d) participação é o modo de constituição metafísica dos entes nãoideais, em Platão. Um homem ou uma árvore seriam constituídos pela participação em várias ideias, e não teriam neles mesmos o fundamento e a permanência de seu ser.
- e) A filosofia de Platão equivale à de Descartes. Para o pensador moderno, dois âmbitos permanentemente sustentam toda realidade e conhecimento – a res (coisa) pensante e a res (coisa) extensa; ambas merecem o título de substâncias (ainda que só Deus o seja, propriamente). Para o filósofo grego, da mesma maneira e no mesmo sentido, há dois âmbitos eternos, de mesmo nível enquanto fundamentos da “realidade” – as ideias eternas e o mundo sensível.

19. Unicentro-PR

Leia o texto a seguir.

Aristóteles substitui o idealismo de Platão pelo empirismo. A teoria ética aristotélica busca seu ideal não em uma ideia universal e inatingível do bem, do belo e verdadeiro, mas numa concepção de felicidade, alcançada pela ação, reflexão e experiência, consubstanciada no conceito de justiça.

FREITAG, B. *Itinerários de Antígona. A questão da moralidade*. 4.ed. Campinas: Papirus, 2005. p.30.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o conceito de justiça em Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) Decorre da convenção alcançada no debate político.
- b) Deriva da consciência interior de cada homem.
- c) Sobrevém dos preceitos religiosos ditados pelo divino.
- d) Configura-se na obediência à norma ditada pelo soberano.
- e) Constitui-se a partir da mediania alcançada entre os extremos.

ESTUDO PARA O ENEM

20. Enem

C3-H14

Texto I

Olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: UnB, 1987. (Adaptado).

Texto II

Um cidadão integral pode ser definido por nada mais nada menos que pelo direito de administrar justiça e exercer

funções públicas; algumas destas, todavia, são limitadas quanto ao tempo de exercício, de tal modo que não podem de forma alguma ser exercidas duas vezes pela mesma pessoa, ou somente podem sê-lo depois de certos intervalos de tempo prefixados.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985.

Comparando os textos I e II, tanto para Tucídides (no século V a.C.) quanto para Aristóteles (no século IV a.C.), a cidadania era definida pelo(a)

- a) prestígio social.
- b) acúmulo de riqueza.
- c) participação política.
- d) local de nascimento.
- e) grupo de parentesco.

4

FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA

- Filosofia medieval

HABILIDADES

- Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Comparar pontos de vista expressos em textos analíticos e interpretativos.
- Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

Historiadores da filosofia nos mostram a existência de, ao menos, três períodos da filosofia medieval. O primeiro, denominado patrístico, compreende desde o século I até o século V. O segundo, de maior conturbação e menos escolarização, entre os séculos V e X. O terceiro, denominado escolástico, entre os séculos XI e XV, foi marcado por intensa produção de pensamentos e obras.

A Idade Média foi um período dominado por padres filósofos, mas não restrito a eles. O predomínio da óptica clerical no pensamento medieval, no entanto, acabou por privilegiar um campo específico da filosofia, o religioso ou teológico.

Diante do exposto, cabe a questão: como falar em filosofia medieval levada adiante por padres filósofos, quando os objetivos da religião cristã e os da filosofia conforme se entendia eram distintos?

No caso cristão, a situação é diferente, porque seu objetivo era disseminar a verdade revelada por Cristo, num movimento de doutrinação que espalhasse as “boas-novas” quanto à existência de um deus salvador que tem resposta para tudo, ainda que não revele muito disso ao homem e exija dele a crença de que seu plano é perfeito. Ou seja, o cristão não questiona e a verdade nunca se altera, pois exprime a perfeição que é o próprio Deus.

Primeiros cristãos

A análise dos textos dos primeiros cristãos abre caminho para traçar um quadro do modo como a filosofia era tratada. Em particular, os textos do apóstolo Paulo traçam claramente a mudança no perfil cristão e sua relação com o pensar filosófico. Em seus primeiros textos, o apóstolo procura aproximar a teologia cristã da filosofia grega, colocando-as na condição de complementares. Em suas pregações, acabou ridicularizado ao relacionar seus textos influenciados pelo pensamento grego com narrativas em defesa da tese da ressurreição. Em discurso posterior, mudou de atitude, procurando pregação mais eficiente, com o claro intuito de arrebatar fiéis para fortalecer a seita. Nessa nova abordagem, o apóstolo tratou de distanciar-se dos valores e do linguajar gregos para ater-se ao conhecimento de Deus, distinguindo este do primeiro.

A mudança de Paulo se deveu justamente ao caráter que o cristianismo adquiriu. A postura evangelizadora era tida como necessária à expansão da seita, por meio da adesão de gente disposta a aceitar o discurso. Não encontrou dificuldades em pregar para a massa de homens empobrecidos das baixas camadas e por isso mais suscetíveis às palavras de superação dos males graças à crença nos mistérios divinos.

Outro aspecto importante é a discordância entre a interpretação da igreja a respeito desse período e a de alguns historiadores, cujos estudos indicam um quase desconhecimento da seita em seus primeiros tempos. Chegam a ignorar a perseguição aos cristãos, justificando que tal episódio possa ter sido superdimensionado pela instituição clerical.

O caráter evangelizador e a disseminação da palavra de Cristo levaram a instituição religiosa a organizar seus dogmas, provocando conflitos na forma de interpretá-los. Segundo os primeiros representantes da patrística, os “santos padres”, era necessário recorrer à razão para efetivamente crer na sabedoria divina e nas

revelações. Para eles, os filósofos gregos eram preceptores dos valores disseminados por Cristo, ainda que a razão humana não fosse suficiente para compreender toda a grandeza dos planos divinos.

Para outros, como Tertuliano (por volta de 155 d.C.), razão e fé eram elementos distintos que tratavam de conhecimentos também distintos. Os gregos, pagãos, jamais poderiam ter ligação com o cristianismo, este sim herdeiro da tradição judaica e dos ensinamentos do Velho Testamento, não da democracia e do humanismo gregos.

Essa foi a primeira tendência a prosperar dentro da Igreja, tendo Santo Agostinho como seu mais importante representante.



CHAMPAIGNE, Philippe de. *Santo Agostinho*, século XVII. Los Angeles County Museum of Art, Estados Unidos.



CALLOT, Jácques. *São Justino entrega livro a imperador romano*. Publicado por Israel Henriet, na França, entre 1632 e 1635. Museu Britânico, Londres. A imagem retrata um dos primeiros filósofos cristãos e seu vínculo com o Império Romano, fato histórico determinante para a ascensão do catolicismo de Roma a todo o mundo.

SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho nasceu Aurelius Agustinos, em Tagaste, Númídia, norte da África, à época província do Império Romano, em 354 da era cristã. Sua conversão ao cristianismo teria ocorrido apenas aos 32 anos de idade (386 d.C.), depois de uma revelação em que, angustiado, ouviu o apóstolo Paulo de Tarso dizendo-lhe para ler seus textos. Até aquela altura, o adulto rechaçara todas as tentativas da mãe para ler a *Bíblia* e interessar-se pela credo cristão. Opunha-se completamente a essa religião, considerando os textos cristãos muito pobres e desprovidos da capacidade de explicação dos escritos gregos. Essa posição havia até contribuído para Agostinho tornar-se professor de retórica, aproximando-se da filosofia maniqueísta, que explicava a realidade por uma visão dualista, em que existiam apenas o bem e o mal. Afastou-se posteriormente dessa corrente por julgá-la incapaz de solucionar os problemas que se manifestavam à sua volta.

Uma explicação para o mal

Depois de abandonar e até combater o maniqueísmo, Santo Agostinho passou a frequentar e a incor-

porar os valores da Academia platônica, cujas características e preocupações no século IV da era cristã estavam bem distintas das propostas de Platão no século V a.C. Agostinho acreditava que a metafísica de Platão e sua preocupação com a verdade estivessem diretamente relacionadas aos valores cristãos, que também procuravam a verdade e a iluminação, ainda que divinas.

Com isso, a dialética platônica e sua explicação para a realidade, pautadas no mito da caverna, transformaram-se num dos principais instrumentos utilizados pelo padre para provar seus argumentos.

Inspirado por essa dialética, Santo Agostinho afirmou ser Deus o criador da perfeição das ideias divinas, o que não invalida a verdade extraída da razão humana, mas esta, cópia imperfeita das ideias divinas, tal qual o homem, também é imperfeita, sendo fruto do juízo de valores que os homens fazem ao interpretar aquilo que seus sentidos captam.

Agostinho sempre viu a interpretação dos sentidos como verdadeira, desde que o interlocutor confirme tal sensação. Exemplo: “o céu aparenta estar azul hoje.” O erro está em incluir um valor e tomar a sensação como verdade, explicitada pela afirmação categórica “o céu é azul.” O erro, portanto, existe e não foi criado por Deus, mas é fruto dos valores que o homem adiciona à percepção que tem da criação divina.

Tomando isso como verdadeiro, veio outra questão: como o homem, criado por Deus, pode adquirir essa percepção equivocada da realidade? Santo Agostinho respondeu: por meio do livre-arbítrio, pois o homem é livre para definir seu destino, aproximando ou distanciando-se da palavra divina e, portanto, da salvação eterna.

Livre-arbítrio

Cada um é responsável pelo que recebeu. Portanto, se o homem tivesse sido criado de tal modo que pecasse inevitavelmente, seu dever seria pecar. E ao pecar tanto faria o que devia, e não faria senão seguir a lei da natureza. Mas já que seria crime falar dessa maneira, segue-se que ninguém é obrigado por sua natureza a pecar. Tampouco é obrigado a ser levado por uma natureza alheia, porque ninguém peca sujeitando-se ao que não quer, por própria vontade. Com efeito, caso se sujeitar justamente a isso, seu pecado não está em que se sujeitou contra sua vontade. Mas só peca quando age voluntariamente, de maneira a dever padecer com toda justiça o que não teria querido sofrer. Pois, por outro lado, se o aceitasse injustamente, como pecaria? Efetivamente, o pecado não consiste em suportar alguma coisa injustamente, mas sim em praticar algo injustamente. Posto que ninguém está forçado a pecar, nem por sua própria natureza, nem pela natureza de outro, logo só vem a pecar por sua própria vontade.

AGOSTINHO, O *Livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 206.

ESCOLÁSTICA

Com a fragmentação do Império Romano e a ausência de um estado organizado transferiu-se para o cristianismo e a igreja a tarefa de firmar vínculos pela disseminação dos seus valores entre a população bárbara estabelecida no Ocidente europeu. A Igreja católica aproveitou para fortalecer sua posição na nova sociedade, influenciando a elite política formada pelos guerreiros bárbaros. Durante séculos do Medievo, a igreja tentou exercer o papel do Estado, reestruturando a sociedade europeia de acordo com os dogmas cristãos estabelecidos a partir do século V e vinculados à figura de Santo Agostinho.

O problema fundamental da escolástica é levar o homem a compreender a verdade revelada. A escolástica é o exercício da atividade racional (ou, na prática, o uso de alguma filosofia determinada, neoplatônica ou aristotélica) com vistas ao acesso à verdade religiosa, à sua demonstração ou ao seu esclarecimento nos limites em que isso é possível, aprestando um arsenal defensivo contra a incredulidade e as heresias. A escolástica, portanto, não é uma filosofia autônoma, como, por exemplo, a filosofia grega: seu dado ou sua limitação é o ensinamento religioso, o dogma. Para exercer essa tarefa, não confia apenas nas forças da razão, mas chama em seu socorro a tradição religiosa ou filosófica, recorrendo às chamadas *auctoritates*. *Auctoritas* é a decisão de um concílio, uma máxima bíblica, a *sententia* de um padre da Igreja ou mesmo de um grande filósofo pagão, árabe ou judaico. O recurso à autoridade é a manifestação típica do caráter comum e supraindividual da investigação escolástica, em que cada pensador quer sentir-se apoiado pela responsabilidade coletiva da tradição eclesiástica.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 344.

Nova onda expansionista, capitaneada pelos muçulmanos, transformaria essa realidade. Em busca por terras e expansão da fé, os muçulmanos entraram em contato com outras culturas, vindo a absorver, inclusive, a filosofia grega, de modo a contribuir para sua preservação e a retomada dos valores aristotélicos, revelados úteis para a escolástica, que teve São Tomás de Aquino como principal representante.

FILOSOFIA ÁRABE: FALSAFA

Enquanto o Ocidente europeu viveu, no Período Medieval, uma situação de acomodação de duas tradições bem distintas, a germânica e a latina, o mundo islâmico conheceu desenvolvimentos variados, firmando-se como civilização complexa e, em muitos casos, tolerante.

Nesse quadro de crise da tradição escrita europeia, desenvolveu-se situação diferente no mundo muçulmano. Os islâmicos ampliaram seus domínios, atingindo a região balcânica e convertendo grupos humanos à sua

fé. Ao mesmo tempo, entravam em contato com outras culturas e absorviam seus elementos, como a filosofia grega antiga. Pensadores islâmicos tiveram acesso às antigas obras gregas e as traduziram para o árabe. Boa parte do patrimônio filosófico grego se preservou na língua árabe. Intelectuais muçulmanos admiradores de Platão e Aristóteles escreveram tratados filosóficos inspirados no pensamento grego, buscando, dentre outros aspectos, uma síntese entre o idealismo platônico e o materialismo aristotélico. Em árabe, o termo filosofia é *falsafa*. Destacaram-se Avicena e Averróis.

Avicena (Ibn Siná), importante pensador muçulmano, de origem persa, sistematizou grande parte dos conhecimentos da época em que viveu, entre os séculos X e XI. Afirmava que as essências ou naturezas constituíam o objeto do conhecimento metafísico. Assim, a essência de um cavalo diz respeito ao que todos os cavalos possuem. É particular de cada cavalo e geral em relação à ideia que se tem dos cavalos, ou seja, é uma universalidade. O particular afirma o geral e o geral dá sentido ao particular. Em seu pensamento, derivado das ideias aristotélicas, o importante é o ser. Por exemplo, ser cavalo ou ser planta ou ser homem são coisas distintas, com atributos próprios, mas que estão no universo do ser. Esse **ser** pode ser pensado como possível ou necessário. Se apenas possível, deve haver uma causa que o faça existir; se necessário, deve ser a causa de todas as causas. Dessa forma, Deus aparece como o ser necessário para os seres possíveis. Principal obra: *A cura*, suma filosófica em 18 volumes, na qual interpreta os escritos de Aristóteles.

Averróis (Ibn Ruchd) foi outro pensador muçulmano da Baixa Idade Média. Nascido em Córdoba, em 1126, estudou filosofia, matemática, direito e medicina. Esforçou-se em retirar do pensamento da época elementos do platonismo que seus antecessores buscaram amalgamar à teoria do conhecimento de Aristóteles. Averróis afirmava que todas as coisas sensíveis são inteligíveis, não havendo prejuízo do mundo material em relação ao mundo intelectual e, sim, uma reconciliação que Aristóteles realizara quando se opôs à teoria do conhecimento de Platão.

Tais contribuições islâmicas para a manutenção de um esforço filosófico na Idade Média foram fundamentais para o desenvolvimento do Ocidente, pois os intelectuais da igreja católica buscavam referências importantes nessa literatura.

BAIXA IDADE MÉDIA

No quadro da Baixa Idade Média, entram as cruzadas, o renascimento urbano-comercial e o desenvolvimento das corporações de ofício. Outras necessidades e sensibilidades derivadas das transformações entraram em choque com as concepções patrísticas. As universidades ganhavam corpo na medida dos novos interesses. Debates acalorados marcavam o contexto intelectual europeu, colocando em evidência o mundo terreno e a tentativa da Igreja de absorver essa valoriza-

ção. Assim, a discussão envolvendo razão e fé tornava-se a base da nova proposta teológica: a escolástica.

Além disso, o surgimento de **ordens religiosos**, como dos franciscanos e dominicanos, simultaneamente ao florescimento das universidades, reforçava a tendência da Igreja de produzir conhecimento sem participação dos leigos e hereges, que buscavam a realização no mundo material como se descolado do universo divino. Isso com a clara intenção de reafirmar a fé cristã.

Ao contrário dos antigos mosteiros, que mantinham o conhecimento preservado dentro de seus muros, as universidades e ordens religiosas procuravam adequar-se aos tempos modernos vivenciados pela sociedade europeia.

SÃO TOMÁS DE AQUINO

Com efeito, existem a respeito de Deus verdades que ultrapassam totalmente as capacidades da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é trino e uno. Ao contrário, existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo, que Deus existe, que há um só Deus, etc. Estas últimas verdades, os próprios filósofos as provaram por via demonstrativa, guiados que eram pelo lume da razão natural.

AQUINO, Tomás de. Capítulo Terceiro: A possibilidade de descobrir a verdade divina. *Símula contra os Gentios* São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 61.

Nascido em 1225, na cidade que lhe empresta o segundo nome, São Tomás teve contato com a filosofia aristotélica, que vinha sendo resgatada pelas universidades medievais e ordens religiosas. Influenciado pela visão de Aristóteles logo no início da carreira eclesiástica, teve de enfrentar a inimizade de muitos outros representantes clericais, por uma série de razões, como o fato de filósofos árabes (Averróis, por exemplo) construírem sua explicação de mundo com base nos ensinamentos de Aristóteles.

Tomás de Aquino venceu a disputa no seio da igreja e imprimiu nova concepção nas questões relativas à razão e sua vinculação com a fé. Aquino procurou alcançar o mesmo objetivo filosófico de Santo Agostinho, sem desprezar a filosofia platônica, mas incorporando e adaptando o pensamento aristotélico de acordo com suas convicções teológicas.

Apesar das críticas da Igreja à preferência por Aristóteles, Aquino manteve a defesa ao clericalismo e à necessidade da fé, o que sempre lhe valeu o apoio de setores religiosos.

Existência de Deus

Em toda a sua vasta obra, nota-se a preocupação de São Tomás com duas questões mais significativas: definir o que é a verdade e justificar racionalmente a existência de Deus. Constituem temas das obras *Sobre a verdade* e *Suma teológica*, respectivamente.

Em *Sobre a verdade*, Tomás de Aquino retoma o argumento de Santo Agostinho, afirmando que a verdade pertence ao mundo inteligível, não ao mundo sensível. Discorda de Agostinho quanto à imutabilidade da verdade. Para Aquino, a mutabilidade da verdade ocorre apenas no plano material, já que, no plano divino, a verdade sempre existiu e, portanto, jamais se alterou.

A *Suma teológica* discute e argumenta racionalmente a questão da existência de Deus. Tomás de Aquino elaborou cinco vias ou argumentos, inspirado nos conceitos aristotélicos de ato e potência e na teoria das quatro causas. Partindo do primeiro, determinou que o movimento tem uma razão para ocorrer: Deus — sempre existiu, sendo, por isso, o motor que inicia o movimento. Consequentemente, Deus também é a causa primeira do movimento, dá origem a todas as outras coisas. Logo, Deus é também um ser necessário, cuja origem não depende de outra coisa qualquer, visto que são considerados verdadeiros os dois pontos anteriores.

Deus é também a perfeição que inspira os graus distintos de perfeição dos demais seres, que jamais se completam, mas existem de acordo com níveis distintos em comparação à perfeição que é Deus. Isso, por sua vez, impulsiona a pessoa para a quinta via: Deus é a inteligência responsável por ordenar o universo, fato facilmente comprovado quando se percebe a ordem das coisas ao redor, e não o caos, prova da existência de uma inteligência que ordena tudo: novamente Deus. Com essa demonstração, Aquino acreditava superar as limitações da patristica.



CRIVELLI, Carlo. São Tomás de Aquino, século XV.

NATIONAL GALLERY, LONDON

Material exclusivo para membros associados

Dom Bosco

ROTEIRO DE AULA

FILOSOFIA MEDIEVAL

Santo Agostinho

Filosofia medieval que associa platonismo e cristianismo. Deus é o criador e o concentrador das ideias perfeitas (divinas), sendo a razão um instrumento imperfeito. Quando a razão se aproxima do cristianismo, se aproxima de Deus e das ideias divinas.

São Tomás de Aquino

Filosofia medieval que associa a filosofia aristotélica ao cristianismo. A razão pode ser utilizada para comprovar a existência de Deus e, assim, fortalecer a fé. Deus é o motor atemporal da história, a causa primeira, ser necessário, a perfeição necessária e a inteligência suprema. Por meio da lógica, podemos concluir que Deus só pode existir; afinal, tais fatores escapam das leis do mundo sensível.

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

ROTEIRO DE AULA

FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA

Avicena

Afirmava que as essências ou naturezas constituíam o objeto do conhecimento metafísico. Em seu pensamento, derivado das ideias aristotélicas, o importante é o ser. Esse ser pode ser pensado como possível ou necessário. Se apenas possível, deve haver uma causa que o faça existir; se necessário, deve ser a causa de todas as causas. Dessa forma, Deus aparece como o ser necessário para os seres possíveis.

Averróis

Afirmava que todas as coisas sensíveis são inteligíveis, não havendo prejuízo do mundo material em relação ao mundo intelectual e, sim, uma reconciliação que Aristóteles realizara quando se opôs à teoria do conhecimento de Platão.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unioeste-PR

“Os reis possuem bens temporais em abundância e Deus prepara-lhes um grau sublime de felicidade. Já os tiranos são frequentemente frustrados dos bens temporais que almejam, estão sujeitos a muitos perigos e, acima de tudo, são privados dos bens eternos, sendo-lhes reservadas as mais graves penas. Por isso, aquele que recebe a função de governar deve realmente considerar bem todas essas coisas e se apresentar como rei e não como tirano para os seus súditos”

AQUINO, Tomás de. *A realeza: dedicado ao rei de Chipre*. In: SEED-PR. *Antologia de textos filosóficos*.

Considerando o excerto do texto acima e o pensamento de São Tomás de Aquino, **não** é correto afirmar que

- a) a concepção política de Tomás de Aquino compreende a submissão do poder temporal do Estado ao poder espiritual da Igreja.
- b) considera-se a monarquia uma forma legítima de governo, desde que essa não descambe para a tirania.
- c) o homem não vive apenas para a pólis, mas para o aperfeiçoamento da própria natureza humana, o que só pode ocorrer na medida em que se dirige ao ser supremo: Deus.
- d) a vida humana deve estar voltada ao acúmulo de bens, considerado central para o alcance da virtude.
- e) é injusto o regime quando aquele que governa se despreocupa em relação ao bem comum e tende a governar apenas visando ao benefício de si mesmo.

Segundo Tomás de Aquino, fé e razão devem ser conciliadas para o alcance da virtude. O acúmulo de bens não atende, necessariamente, à virtude.

2. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

Todo domínio da filosofia pertence exclusivamente à razão; isso significa que a filosofia deve admitir apenas o que é acessível à luz natural e demonstrável apenas por seus recursos. A teologia baseia-se, ao contrário, na revelação, isto é, afinal de contas, na autoridade de Deus.

GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.655.

Sobre essa dicotomia, o pensamento de Tomás de Aquino, no contexto Escolástico do século XIII, orienta-se pela

- a) compreensão de que a razão deve ser instância crítica dos pressupostos não tematizados da fé.
- b) separação entre fé e razão, declarando que o domínio da crença é incompatível com a pretensão do conhecimento.
- c) sobreposição da fé em relação à razão, considerando que a verdade religiosa deve preponderar sobre a razão humana.
- d) supressão dos campos da fé e da razão, admitindo que a via do conhecimento seguro é dada pela matemática.
- e) necessidade de unidade entre razão e fé, visto que ambas buscam a verdade e esta não pode ser contraditória.

Apesar de diferenciar fé e razão, Aquino procura associá-las e atribuir a essa associação uma unidade que aproxima o ser humano de Deus. A razão, por exemplo, pode comprovar a existência de Deus. Pela razão, podemos perceber que Deus é um ser necessário, perfeito, inteligente, atemporal e a causa primeira de todas as coisas. É, portanto, uma entidade sobrenatural que concentra todas essas questões necessárias e que escapam à lógica material.

3. Enem

C3-H14

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles, vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.

GALILEI, G. *O ensaiador*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

No contexto da Revolução Científica do século XVII, assumir a posição de Galileu significava defender a

- a) continuidade do vínculo entre ciência e fé dominante na Idade Média.
- b) necessidade de o estudo linguístico ser acompanhado do exame matemático.
- c) oposição da nova física quantitativa aos pressupostos da filosofia escolástica.
- d) importância da independência da investigação científica pretendida pela Igreja.
- e) inadequação da matemática para elaborar uma explicação racional da natureza.

Galileu é um dos principais expoentes da Revolução Científica do século XVII, quando cientistas e filósofos buscaram explicações racionais, empíricas e antropocêntricas para os fenômenos da realidade. Houve intenso embate com as explicações oferecidas pela Igreja Católica, desde concepções míticas até a filosofia escolástica (medieval) pautada nos escritos gregos, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

4. Unesp-SP

Texto 1

Você quer ter boa saúde e vida longa para você e sua família? Anseia viver num mundo onde a dor, o sofrimento e a morte serão coisas do passado? Um mundo assim não é apenas um sonho. Pelo contrário, um novo mundo de justiça logo será realidade, pois esse é o propósito de Deus. Jeová levará a humanidade à perfeição por meio do sacrifício de resgate de Jesus. Os humanos fiéis viverão como Deus queria: para sempre e com saúde perfeita.

A Sentinela, dezembro de 2013. (Adaptado).

Texto 2

Assim, tenho de contradizê-lo quando prossegue argumentando que os homens são completamente incapazes de passar sem a consolação da ilusão religiosa, que, sem ela, não poderiam suportar as dificuldades da vida e as crueldades da realidade. Sem a religião, terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente. Mas não há dúvida de que o infantilismo

está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a “vida hostil”. Podemos chamar isso de “educação para a realidade”.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*, 1974. (Adaptado).

Comente as diferenças entre os dois textos no tocante à religião.

Enquanto o texto 1 é religioso, o texto 2 é crítico com relação à religião.

No texto 1, há uma defesa de Deus como o caminho para a vida plena em felicidade. Sua obtenção depende da fé e da subserviência às regras colocadas por Deus. No texto 2, há uma negação de Deus como o caminho para a vida plena em felicidade.

A fé e a subserviência estão relacionadas com uma fase infantil dos humanos: quando são incapazes de compreender que são os criadores de sua própria existência e, doravante, atribuem a um ser mítico essa criação. Nessa criação, buscam consolo e sentido para a vida. Em contrapartida, deveriam superar a “muleta” chamada Deus e assumirem a criação de sua própria existência. Fenômeno típico da filosofia dos séculos XIX e XX, negam a filosofia medieval que busca conciliar razão e fé, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

5. UFU-MG

Com efeito, existem a respeito de Deus verdades que ultrapassam totalmente as capacidades da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é trino e uno. Ao contrário, existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo, que Deus existe, que há um só Deus etc.

AQUINO, Tomás de. Capítulo Terceiro: A possibilidade de descobrir a verdade divina. In: *Súmula contra os Gentios*. Trad. de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 61.

Para São Tomás de Aquino, a existência de Deus se prova

- a) por meios metafísicos, resultantes de investigação intelectual.
- b) por meio do movimento que existe no Universo, na medida em que todo movimento deve ter causa exterior ao ser que está em movimento.
- c) apenas pela fé, a razão é mero instrumento acessório e dispensável.
- d) apenas como exercício retórico.

Fundamentado na filosofia de Aristóteles, Tomás de Aquino procura conciliar razão e fé e, doravante, oferecer argumentos racionais para a existência de Deus. Dentre esses argumentos, podemos citar Deus como o primeiro motor imóvel, que deu início ao movimento dos objetos mundanos. Essa concepção está vinculada a outra concepção racional: não há efeito sem causa. A primeira causa deve ter um atributo divino, de dar início ao mundo tal como existe, sendo essa primeira causa exterior e maior que este mundo (Deus).

6. Uncisal-AL – A filosofia de Santo Agostinho é essencialmente uma fusão das concepções cristãs com o pensamento platônico. Subordinando a razão à fé, Agostinho de Hipona afirma existirem verdades superiores e inferiores, sendo as primeiras compreendidas a partir da ação de Deus. Como se chama a teoria agostiniana que afirma ser a ação de Deus que leva o homem a atingir as verdades superiores?

- a) Teoria da Predestinação.
- b) Teoria da Providência.
- c) Teoria Dualista.
- d) Teoria da Emissão.
- e) Teoria da Iluminação.

Em sua inspiração platônica, Agostinho considera Deus como ser que conduz os humanos a atingirem as verdades superiores pelo processo de iluminação. Agostinho mantém a ideia platônica da divisão do mundo entre inteligível (ideias superiores) e sensível (mundo material, das ideias imperfeitas).

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFU-MG

A teologia natural, segundo Tomás de Aquino (1225-1274), é uma parte da filosofia, é a parte que ele elaborou mais profundamente em sua obra e na qual ele se manifesta como um gênio verdadeiramente original. Se se trata de física, de fisiologia ou dos meteoros, Tomás é simplesmente aluno de Aristóteles, mas se se trata de Deus, da origem das coisas e de seu retorno ao Criador, Tomás é ele mesmo. Ele sabe, pela fé, para que limite se dirige, contudo, só progride graças aos recursos da razão.

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*, São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 657.

De acordo com o texto acima, é correto afirmar que

- a) a obra de Tomás de Aquino é uma mera repetição da obra de Aristóteles.
- b) Tomás parte da revelação divina (Bíblia) para entender a natureza das coisas.
- c) as verdades reveladas não podem de forma alguma ser compreendidas pela razão humana.
- d) é necessário procurar a concordância entre razão e fé, apesar da distinção entre ambas.

8. Enem**C1-H1****Texto I**

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por feltragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

BURNET, J. *A aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. (Adaptado).

Texto II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: “Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão a impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha”.

GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da filosofia cristã*. São Paulo: Vozes, 1991. (Adaptado).

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que

- eram baseadas nas ciências da natureza.
- refutavam as teorias de filósofos da religião.
- tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- postulavam um princípio originário para o mundo.
- defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

9. UFU-MG

Na medida em que o Cristianismo se consolidava, a partir do século II, vários pensadores, convertidos à nova fé e, aproveitando-se de elementos da filosofia greco-romana que eles conheciam bem, começaram a elaborar textos sobre a fé e a revelação cristãs, tentando uma síntese com elementos da filosofia grega ou utilizando-se de técnicas e conceitos da filosofia grega para melhor expor as verdades reveladas do Cristianismo. Esses pensadores ficaram conhecidos como os Padres da Igreja, dos quais o mais importante a escrever na língua latina foi santo Agostinho.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de filosofia: ser, saber e fazer*. São Paulo: Saraiva, 1996, p. 128. (Adaptado).

Esse primeiro período da filosofia medieval, que durou do século II ao século X, ficou conhecido como

- Escolástica.
- Neoplatonismo.
- Antiguidade tardia.
- Patrística.

10. UFU-MG – Considere o seguinte texto sobre Tomás de Aquino (1226-1274).

Fique claro que Tomás não aristoteliza o cristianismo, mas

cristianiza Aristóteles. Fique claro que ele nunca pensou que, com a razão se pudesse entender tudo; não, ele continuou acreditando que tudo se compreende pela fé: só quis dizer que a fé não estava em desacordo com a razão, e que, portanto, era possível dar-se ao luxo de raciocinar, saindo do universo da alucinação.

Eco, Umberto. Elogio de santo Tomás de Aquino. In: *Viagem na irrealidade cotidiana*. p.339.

É correto afirmar, segundo esse texto, que:

- Tomás de Aquino, com a ajuda da filosofia de Aristóteles, conseguiu uma prova científica para as certezas da fé, por exemplo, a existência de Deus.
- Tomás de Aquino se empenha em mostrar os erros da filosofia de Aristóteles para mostrar que esta filosofia é incompatível com a doutrina cristã.
- o estudo da filosofia de Aristóteles levou Tomás de Aquino a rejeitar as verdades da fé cristã que não fossem compatíveis com a razão natural.
- a atitude de Tomás de Aquino diante da filosofia de Aristóteles é de conciliação desta filosofia com as certezas da fé cristã.

11. UFU-MG – Segundo o texto abaixo, de Agostinho de Hipona (354-430 d. C.), Deus cria todas as coisas a partir de modelos imutáveis e eternos, que são as ideias divinas. Essas ideias ou razões seminais, como também são chamadas, não existem em um mundo à parte, independentes de Deus, mas residem na própria mente do Criador,

[...] a mesma sabedoria divina, por quem foram criadas todas as coisas, conhecia aquelas primeiras, divinas, imutáveis e eternas razões de todas as coisas, antes de serem criadas [...].

Sobre o Gênesis, V

Considerando as informações acima, é correto afirmar que se pode perceber:

- que Agostinho modifica certas ideias do cristianismo a fim de que este seja concordante com a filosofia de Platão, que ele considerava a verdadeira.
- uma crítica radical à filosofia platônica, pois esta é contraditória com a fé cristã.
- a influência da filosofia platônica sobre Agostinho, mas esta é modificada a fim de concordar com a doutrina cristã.
- uma crítica violenta de Agostinho contra a filosofia em geral.

12. Uncisal-AL – Uma das preocupações de certa escola filosófica consistiu em provar que as ideias platônicas ou os gêneros e espécies aristotélicas são substâncias reais, criadas pelo intelecto e vontade de Deus, existindo na mente divina. Reflexões dessa natureza foram realizadas majoritariamente no período da história da filosofia:

- pré-socrático.
- antigo.
- medieval.
- moderno.
- contemporâneo.

13. Unicentro-PR – O nome patrística decorre do trabalho dos padres da Igreja que, desde o século II de nossa era, elaboraram o pensamento cristão. Assinale a al-

ternativa que apresenta, de forma CORRETA, um representante dessa filosofia.

- a) Tomás de Aquino
- b) Roger Bacon
- c) Averróis
- d) Agostinho de Hipona
- e) Giordano Bruno

14. ESPM-SP

Seu principal objetivo era demonstrar, por um raciocínio lógico formal, a autenticidade dos dogmas cristãos. A filosofia devia desempenhar um papel auxiliar na realização deste objetivo. Por isso a tese de que a filosofia está a serviço da teologia.

WOLKMER, Antônio Carlos.
Introdução à história do pensamento político.

O texto deve ser relacionado com:

- a) a filosofia epicurista.
- b) a filosofia escolástica.
- c) a filosofia iluminista.
- d) o socialismo.
- e) o positivismo.

15. Unicentro-PR – Princípio por meio do qual o indivíduo moderno coloca a si mesmo no centro dos interesses e decisões. Às certezas da fé contrapõe-se a capacidade de livre exame. Até na religião, os adeptos da Reforma defendem o acesso direto ao texto bíblico, dando a cada um o direito de interpretá-lo. Essas características sintetizam valores expressos:

- a) Pelo humanismo.
- b) Pelo antropocentrismo.
- c) Pelo criacionismo.
- d) Pela teoria da predestinação.
- e) Pelo relativismo.

16. Unicentro-PR – O Renascimento foi uma volta deliberada que propunha a ressurreição consciente do passado, considerado, naquele momento, como fonte de

inspiração e modelo de civilização. Esse ideal pode ser entendido como a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média.

Sobre esse período histórico da humanidade, pode-se afirmar:

- a) A modernidade caracteriza-se pelo retorno ao estado primitivo do ser.
- b) O renascimento é a própria expressão divina na sociedade moderna.
- c) A teologia se separa da filosofia, e essa se torna autônoma.
- d) As ciências e tecnologias estão imbricadas na teologia cristã.
- e) A contemporaneidade preconiza o retorno aos princípios medievais.

17. Unicentro-PR – Leia o texto a seguir.

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição da herança mágica, isto é, das antigas representações difusas, pela unidade conceitual que exprime a nova forma de vida, organizada com base no comando e determinada pelos homens livres.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.* Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.28.

Nesse texto, é destacado um importante feito registrado no passado ocidental relativo à

- a) emergência do domínio da gramática, que permitiu assegurar o sentido conceitual do mundo.
- b) passagem da escolástica religiosa, embasada no místico, para o mundo moderno.
- c) vanguarda da mitologia, que permitiu o nascimento da indagação e da reflexão filosófica.
- d) superação da patrística, que possibilitou a emergência da lógica na discussão de temas religiosos.
- e) organização do pensamento helenístico, que permitiu resgatar a filosofia dos pré-socráticos.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H14

Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim de destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda a sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim.

AQUINO, T. *Do reino ou do governo dos homens: no rei do Chipre. Escritos políticos de São Tomás de Aquino.* Petrópolis: Vozes, 1995. (Adaptado).

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como o regime de governo capaz de

- a) refrear os movimentos religiosos contestatórios.
- b) promover a atuação da sociedade civil na vida política.
- c) unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
- d) reformar a religião por meio do retorno à tradição helenística.
- e) dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

19. Unesp-SP

C1-H1

Não posso dizer o que a alma é com expressões materiais, e posso afirmar que não tem qualquer tipo de dimensão, não é longa ou larga, ou dotada de força física, e não tem coisa alguma que entre na composição dos corpos, como medida e tamanho. Se lhe parece que a alma poderia ser um nada, porque não apresenta dimensões do corpo, entenderá que justamente por isso

ela deve ser tida em maior consideração, pois é superior às coisas materiais exatamente por isso, porque não é matéria. É certo que uma árvore é menos significativa que a noção de justiça. Diria que a justiça não é coisa real, mas um nada? Por conseguinte, se a justiça não tem dimensões materiais, nem por isso dizemos que é nada. E a alma ainda parece ser nada por não ter extensão material?

Santo Agostinho. *Sobre a potencialidade da alma.*
(Adaptado).

No texto de Santo Agostinho, a prova da existência da alma

- a) desempenha um papel primordialmente retórico, desprovido de pretensões objetivas.
- b) antecipa o empirismo moderno ao valorizar a experiência como origem das ideias.
- c) serviu como argumento antiteológico mobilizado contra o pensamento escolástico.
- d) é fundamentada no argumento metafísico da primazia da substância imaterial.
- e) é acompanhada de pressupostos relativistas no campo da ética e da moralidade.

20. PUCCamp-SP

C1-H1

Preparando seu livro sobre o imperador Adriano, Marguerite Yourcenar encontrou numa carta de Flaubert esta frase: “Quando os deuses tinham deixado de existir e o Cristo

ainda não viera, houve um momento único na história, entre Cícero e Marco Aurélio, em que o homem ficou sozinho”. Os deuses pagãos nunca deixaram de existir, mesmo com o triunfo cristão, e Roma não era o mundo, mas no breve momento de solidão flagrado por Flaubert o homem ocidental se viu livre da metafísica — e não gostou, claro. Quem quer ficar sozinho num mundo que não domina e mal compreende, sem o apoio e o consolo de uma teologia, qualquer teologia?

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. *Banquete com os deuses.*

A compreensão do mundo por meio da religião é uma disposição que traduz o pensamento medieval, cujo pressuposto é

- a) o antropocentrismo: a valorização do homem como centro do Universo e a crença no caráter divino da natureza humana.
- b) a escolástica: a busca da salvação através do conhecimento da filosofia clássica e da assimilação do paganismo.
- c) o panteísmo: a defesa da convivência harmônica de fé e razão, uma vez que o Universo, infinito, é parte da substância divina.
- d) o positivismo: submissão do homem aos dogmas instituídos pela Igreja e não questionamento das leis divinas.
- e) o teocentrismo: concepção predominante na produção intelectual e artística medieval, que considera Deus o centro do Universo.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

Material exclusivo para professores
convencionados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

APRESENTAÇÃO

Pergunta comum e interessante: para que serve a filosofia? Muitas crenças e saberes do cotidiano jamais são questionados porque parecem naturais e claros. De certa forma, porque acreditamos o tempo todo na verdade ou na mentira, no tempo e no espaço, na qualidade e na quantidade, na realidade e no sonho, na vontade e na existência de liberdade, na moral e na ética. E se começássemos a levantar questões inesperadas? Exemplo: em vez de afirmar “quero ser livre”, perguntássemos “o que é ser livre?”. Isso significaria distanciar-se da vida cotidiana e de nós mesmos, questionar sentimentos que alimentam nossa existência. De certo modo, estaríamos adotando o que se chama de atitude filosófica. Na busca de uma definição para filosofia, consideramos algumas generalidades: visão de mundo, sabedoria de vida, esforço racional, crítica ao conhecimento e à prática.

Se considerarmos que o primeiro grande fundamento da filosofia é questionar, indagamos sobre sua utilidade e para quem seria útil. O senso comum da nossa sociedade costuma considerar útil o que seja palpável, possibilite poder e lucro. Nessa óptica, a filosofia não tem serventia, mas alguns filósofos procuraram defini-la, como o fez o francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): “filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo”. Se questionarmos o modo de pensar ingênuo e os preconceitos da vida cotidiana, buscamos compreender o significado do mundo e da existência, das artes e das ciências, enfim, de tudo que seja possível, a filosofia passa a ocupar posição útil e a exercer a finalidade de propiciar transformação, felicidade, justiça, liberdade.

Diante do exposto, o material de pré-vestibular contempla assuntos fundamentais das áreas de conhecimento filosófico: ontologia, axiologia, gnosilogia. Trata-se de temas relevantes ao exercício filosófico, principalmente para o estudante desenvolver senso crítico e entender melhor conceitos fundamentais da própria filosofia. O projeto compõe-se de sistematização teórica (concepções clássicas e contemporâneas), exercícios de aplicação para resolução em sala de aula e exercícios propostos para resolução em casa. O gabarito do aluno está em folha que pode ser excluída caso a escola opte por não disponibilizá-lo com antecedência.

CONTEÚDO

FILOSOFIA 1

Volume	Módulo	Conteúdo
1	1	Introdução à filosofia
	2	Filosofia na Antiguidade I
	3	Filosofia na Antiguidade II
	4	Filosofia na Idade Média

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

Comentários sobre o módulo

Importante resgatar aspectos históricos do princípio da organização do pensamento filosófico. Retome as características gerais do povo grego, sua origem e formação. Saliente os motivos que propiciaram o desenvolver de um pensamento racional, como a expansão territorial, a busca por territórios férteis, a evolução política, a estruturação de um sistema escravista que proporcionava aos gregos condições de manter seu território e ainda desenvolver artes, ciências e filosofia, alguns dos principais legados gregos para a civilização. Destaque a importância da mudança das interpretações de mundo mitológicas para as de caráter filosófico-científico. A filosofia propõe explicações centradas na razão; o mito centrava-se em histórias fantásticas, ocorridas em tempos remotos e transmitidas por aedos e rapsodos (artistas populares da Grécia Antiga). O módulo finaliza apontando o surgimento dos primeiros pensadores que abandonaram a prática da explicação mitológica em favor de respostas racionais, os pré-socráticos.

Para ir além

Luc Ferry e Claude Capelier contam a história do pensamento filosófico, da Antiguidade aos dias atuais.

FERRY, Luc e CAPELIER, Claude. *A mais bela história da filosofia*. Rio de Janeiro: Difel, 2017.

Bertrand Russell procurou justificar a incapacidade das sociedades da Antiguidade oriental de produzir o pensamento filosófico mediante lento abandono da religião como explicação para a realidade imediata.

RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental — a aventura das ideias: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 13-14.

Crimes e pecados é um dos pontos altos da carreira do cineasta estadunidense Woody Allen. Duas histórias independentes que se cruzam no final. Na primeira, um médico é obrigado a escolher entre o casamento e a amante; na segunda, um casal vive um triângulo amoroso que gera muita insegurança nos envolvidos. Os dois enredos procuram lidar com temas comuns aos mitos e ao teatro gregos.

Exercícios propostos

7. C

Resolução

Apesar de a democracia ter origem em Atenas, concomitantemente à filosofia e seu uso na Ágora, era restrita aos homens livres e atenienses. O apogeu da democracia e da filosofia foi depen-

dente de uma economia escravocrata que livrara homens livres do trabalho braçal, permitindo a dedicação plena ao trabalho intelectual, como o filosófico e político.

8. D

Resolução

Na Grécia Antiga, a cosmologia é o estudo que rompe com a cosmogonia, já que passa a valer-se da razão para compreender a origem e a transformação do mundo, negando a cosmogônica concepção mítica.

9. 11 (01 + 02 + 08)

Resolução

A busca de conhecimento por meio da razão, que é centrada no ser humano como produtor do conhecimento, é típica da Grécia Antiga e de seu momento de rompimento com a cosmogonia e nascimento da cosmologia. O item 16 foi primeiramente considerado correto, pela UEM, mas posteriormente ratificado. A questão gera uma ambiguidade quanto aos direitos políticos das mulheres, os quais não existiam porque eram restritos aos homens livres atenienses.

10. A

Resolução

A filosofia nasce concomitantemente à pólis grega (cidade-Estado), com o objetivo de alcançar verdades sobre o mundo natural e social por meio do uso da razão, da lógica e da observação. Destinava-se à vida pública e à política, com o objetivo de aplicar seus saberes.

11. B

Resolução

O nascimento da filosofia na Grécia Antiga é marcado pelo rompimento com a cosmogonia, que fundamenta-se em explicações míticas, e pela ascensão da razão como meio de compreensão e transformação da realidade natural e social.

12. B

Resolução

Apesar do nascimento da pólis ser o fator mais conhecido, é importante considerar a moeda e a lei escrita como expressões de uma sociedade que já se organizava racionalmente para fazer suas trocas (moeda) e para explicar o modo de

funcionamento de sua sociedade (lei escrita). Já se percebe, portanto, um processo de racionalização e de desligamento de tradições míticas e orais para a organização social, o que repercutirá numa política orientada pela discussão racional dos homens livres (pólis) e de uma forma de conhecimento pautada pela explicação racional dos fenômenos naturais e sociais (filosofia).

13. A

Resolução

Apesar de tratarem da formação e da transformação dos mundos natural e físico, mito e filosofia são distintas formas de conhecimento. O mito é uma narrativa que vale-se de entidades sobrenaturais e explicações metafísicas, e que depende da crença do ouvinte no narrador. A filosofia é uma reflexão lógica e racional que vale-se da observação do mundo material e da sistematização do conhecimento observado e analisado. É crítica, portanto fundamenta-se no debate entre indivíduos.

14. Resolução

Ambos, mitologia e filosofia, produzem saberes sobre a origem e a transformação do mundo natural e do mundo social. Entretanto, diferem quanto as bases de seus saberes. A mitologia baseia-se em narrativas, personagens sobrenaturais e explicações metafísicas. Além disso, seus saberes são perpassados de geração em geração por ouvintes que acreditam acriticamente e portanto não questionam sua veracidade. A filosofia baseia-se em reflexões racionais, consistências lógicas e acontecimentos materiais. Além disso, seus conhecimentos são discutidos por interessados que analisam criticamente seus fundamentos.

15. A

Resolução

Enquanto a palavra cosmos refere-se ao universo, sua origem e seu funcionamento, a palavra teo refere-se às entidades sobrenaturais que regem o universo (deuses). É importante destacar que a cosmogonia valia-se de explicações sobrenaturais e metafísicas, ainda não plenamente racionais. O pensamento plenamente racional sobre o cosmos, que originará a filosofia, denomina-se cosmologia.

16. Resolução

Por “animal racional” podemos compreender a condição humana de uso da razão para busca de conhecimento e sua aplicação prática. Em

outras palavras, a razão é inerente à natureza humana. A filosofia, desde seus primórdios gregos, vale-se da razão para o entendimento da natureza, da sociedade, do pensamento, da política, da ética, da estética e todos os seus demais temas de estudo. O conhecimento produzido pela filosofia é, portanto, racional. Quando Schopenhauer afirma que o intelecto (razão) convive com uma “vontade inconsciente”, tão imperiosa que pode nos fazer “elaborar filosofias e teologias para disfarçar nossos desejos”, a ponto de que “não queremos uma coisa porque encontramos motivos para ela, encontramos motivos para ela porque a queremos”, Schopenhauer contesta o pressuposto filosófico sobre o humano ser guiado tão plenamente pela razão e sempre produzir conhecimentos objetivos. O humano, portanto, é também “irracional”, afinal, atende à tentação de perseguir seus desejos e não somente o conhecimento objetivo. Schopenhauer não nega a validade da filosofia e seu pressuposto racional, mas amplia a percepção sobre a natureza humana e a produção de conhecimentos.

17. Resolução

Mito é uma forma de conhecimento que atribui a divindades sobrenaturais a criação, o ordenamento e a transformação da natureza e das sociedades. É dogmático, portanto não admite contestações, o que faz do mito uma “verdade absoluta”. A ciência, de modo distinto, vale-se de coleta de evidências, análises, sínteses e verificações praticadas a partir do uso da razão, e credita às leis lógicas a criação, o ordenamento e a transformação da natureza e das sociedades. É crítico e reflexivo, portanto admite contestações e revisões, o que faz das conclusões do conhecimento científico sempre “interpretações” e não “verdades absolutas”. Quando aplicamos “confiança total na ciência”, e esquecemos seu caráter interpretativo, atribuímos a ela uma condição de “verdade absoluta”, o que a aproxima do mito. Isso já aconteceu com o positivismo, que creditou à ciência a fonte de descobrimento de leis sociais que poderiam decifrar e guiar as sociedades. O nazismo também justificava a superioridade da raça ariana a partir de estudos científicos, que objetivavam decifrar essa raça como superior.

18. 12 (04 + 08)

Resolução

A filosofia surge a partir da cosmologia, que rompe com o pensamento mítico da cosmogonia. Ao utilizar a razão, a lógica e as observações

do mundo material, a filosofia nega a explicação mítica, metafísica e sobrenatural, que vale-se da tradição e da acriticidade. A filosofia não finda a existência do mito na sociedade grega, as duas formas de conhecimento passam a coexistir.

19.D

Resolução

O surgimento da filosofia na Grécia Antiga não extinguiu o mito, nem naquela época e nem na atualidade, mas possibilitou, ao longo da história, sua ressignificação. O mito deixa de ser a fonte de conhecimento sobre as verdades do mundo natural e social, pautada na oralidade e na acriticidade. Em sua ressignificação, o mito passa, num olhar crítico-reflexivo, a se tornar uma importante fonte de análise histórica sobre determinada época e, também, uma maneira de elucidar reflexões.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20.E

Resolução

A atitude filosófica corresponde a uma ação cotidiana que constitui a cidadania e a criação de uma boa vida numa sociedade democrática. Caracteriza-se pelo questionamento de conceitos socialmente determinados, objetivando a reflexão sobre seus fundamentos, a verificação de possíveis preconceitos e injustiças e, também, a proposição autônoma de soluções.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

2 FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE I

Comentários sobre o módulo

O estudo da filosofia antiga, na dinâmica do módulo-aula, deve ter enfoques mais amplos. Enfatize a preocupação dos pré-socráticos em buscar o elemento fundamental de origem de todas as coisas. Alerta os alunos sobre a mudança de paradigma estabelecida na explicação mitológica para a explicação filósofo-científica. O pensamento socrático, amplo e fundamental ao estabelecimento da filosofia, pode ser abordado sob a comparação e a crítica ao pensamento dos sofistas. Estes, priorizando as questões humanas, colocavam de lado o compromisso com a verdade e valorizavam uma conduta estruturada no debate, especialmente político, fundamental no contexto grego. A ética socrática surgiu para combater o pensamento sofista. Destaque o contexto de julgamento e condenação de Sócrates, sua postura coerente com seus ensinamentos.

Para ir além

Sócrates, do cineasta italiano Roberto Rossellini, re-produz o que teria sido a fase final da vida do principal filósofo da Antiguidade, com ênfase no julgamento e na condenação à morte. O filme destaca três diálogos de Sócrates: “Apologia”, sobre a defesa do filósofo; “Cítron”, que mostra um dos discípulos tentando convencer o mestre a fugir; e “Fédon”, que traz as últimas palavras de Sócrates antes de tomar a cicuta.

Exercícios propostos

7. C

Resolução

Platão escreveu sobre as ideias de seu mestre Sócrates, e é por meio de Platão que temos acesso ao “pai da filosofia”. Nas obras platônicas, o autor evidencia quais os pensamentos seus, originais, e os pensamentos originais de Sócrates.

8. 14 (02+04+08).

Resolução

Sócrates considerava-se um “parteiro de almas”. Em outras palavras, sua função e a função da filosofia não era prover respostas, mas, sobretudo, instigar a conduta do questionamento nas pessoas. Por meio do questionamento, podemos ter segurança sobre nossos conhecimentos e a conduta de nossas vidas. O questionamento e o conhecimento são comuns a todos os seres humanos, não apenas a alguns.

9. B

Resolução

Por monismo, e mais especificamente “monismo material”, de Anaxímenes, entende-se pela

característica pré-socrática de identificar a *arché*, ou o princípio natural para a criação e o funcionamento do mundo. No caso do monismo material, existe um único elemento fundamental, o ar (névoa ou vapor), que é a substância elementar de todas as coisas.

10. D

Resolução

Podemos perceber, pelo enunciado da questão, como Hegel discorda de Tales de Mileto sobre a “água ser o princípio essencial de todos os seres”. Segundo Hegel, a essência não é um ser, mas está mais próxima da forma de um Espírito, ou ente abstrato, cuja existência não se encontra entre os seres.

11. C

Resolução

Os pré-socráticos utilizam a razão para buscar, na natureza, o princípio essencial de origem e transformação de todas as coisas. Enquanto Heráclito defendeu a imutabilidade dos seres, Parmênides defendeu a unicidade e constância dos seres. Ambos, ao discutirem a origem e transformação dos seres, fundamentam o berço da ontologia.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

12. B

Resolução

Os filósofos pré-socráticos, em comum, utilizavam a razão para estudar a natureza e descobrir um ser essencial responsável pela origem e transformação de todas as coisas. Em comum, também, negavam a mitologia pelo fato de não submeter-se às regras da observação e da comprovação racional. Chegaram a conclusões diferentes, por exemplo: a água, para Tales de Mileto; o ar, para Anaxímenes; o fogo, para Heráclito.

13. E

Resolução

Notemos a definição de elemento. Segundo Empédocles, a água consiste num elemento porque é um dos quatro substratos para a origem e a transformação de todas as coisas. Segundo a química contemporânea, a água é um composto

de dois elementos, ou dois substratos mínimos (átomos), os quais são o hidrogênio e o oxigênio. Mantém-se a busca pelas elementaridades, mas altera-se o que são tais elementos.

14. D

Resolução

Na filosofia de Sócrates, o desejo do saber não deve se restringir ao filósofo, mas compete a este suscitar, nas demais pessoas, o desejo do saber. Por essa razão, Sócrates se considerava um “par-teiro de almas”: ao buscar evidenciar as contradições no saber de demais pessoas, suscitava-as a revistar suas certezas e alcançar um conhecimento pleno.

15. C

Resolução

Nietzsche refere-se aos pré-socráticos, que buscavam compreender a origem e a transformação das coisas a partir do estudo racional da natureza. Nietzsche valoriza o uso da razão e o despreendimento de crenças mitológicas, feito pelos pré-socráticos.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

16. E

Resolução

A ironia e a maiêutica buscam evidenciar ao interlocutor as contradições de seus argumentos, seguido de uma nova reflexão pelo próprio interlocutor. Sócrates, portanto, compreendia a si não como proprietário do saber, mas como investigador do saber e, além disso, como um suscitador do saber em outras pessoas.

17. C

Resolução

Sócrates contesta a não afiliação ética das ações dos sofistas. Ele critica que, ao se comprometerem com o discurso bem feito, racionalmente bem elaborado e com o convencimento, os sofistas desviam a filosofia do compromisso ético e político de buscar as verdades das coisas, a justiça e o bem comum. Sócrates e os sofistas voltam-se para o exercício da política numa democracia; afinal, apoiam o debate público. Porém, os sofistas possuem menor compromisso ético.

18. E

Resolução

Os filósofos pré-socráticos buscavam na natureza um elemento essencial, constituinte da origem e da transformação de todas as coisas, denominado de *arché*. Demócrito considerava o átomo, indivisível e eterno, como esse elemento essencial.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

19. B

Resolução

O método dialético consiste, basicamente, no uso da ironia e da maiêutica com o interlocutor. Objetiva-se que o interlocutor perceba contradições em suas certezas, as questione e, enfim, alcance, a partir das suas reflexões, um conhecimento bem fundamentado.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

20. D

Resolução

Pelo trecho, podemos observar que Trasímaco refere-se a regras e valores como derivados da relação entre humanos e a sociedade; não se trata, portanto, de determinações biológicas, Deus, verdades objetivas ou sentimentos. Sócrates opunha-se e desejava que a filosofia auxiliasse no questionamento, pelas pessoas, das determinações que sofreram durante suas vidas, num compromisso, portanto, com a justiça.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

3 FILOSOFIA NA ANTIGUIDADE II

Comentários sobre o módulo

Platão necessita de abordagem especial, visto ser assunto recorrente nas provas de vestibular e Enem. A teoria das ideias precisa ficar bastante clara aos alunos, por isso adote recursos visuais, histórias em quadrinhos, filmes que possam esclarecer melhor o assunto, especialmente quanto à alegoria da caverna. Aristóteles também merece atenção especial no que se refere às suas propostas de governo, porque muitas se aplicam a muitos países da atualidade.

A abordagem sobre outras escolas filosóficas, como epicurismo e estoicismo, precisa ser compreendida à luz do contexto histórico, especialmente com a expansão do império de Alexandre e, depois, com o Império Romano.

Para ir além

Além do já consagrado *Matrix*, o mais citado e conhecido filme que traz para as telas a ideia da alegoria da caverna, de Platão, seguem outras sugestões cinematográficas para que os alunos explorem a filosofia platônica.

Cidade das sombras, do cineasta britânico Gil Keenan, explora a filosofia platônica e o neoplatonismo em um roteiro sobre uma cidade subterrânea construída para salvar a humanidade de uma possível destruição. A partir da ideia da alegoria da caverna, o filme propõe condições para o ser humano sair de sua situação de escuridão e conseguir enxergar a verdade.

O show de Truman, do cineasta australiano Peter Weir, traz a história de um jovem que faz parte de um *reality show* desde o seu nascimento, com a vida monitorada 24 horas por dia e transmitida para todo o mundo.

O labirinto do Fauno, do cineasta espanhol Guillermo del Toro, mostra a vida de uma menina de 10 anos que mora com sua mãe e o padrasto, um oficial fascista do exército do ditador espanhol Francisco Franco. Em suas brincadeiras, a garota descobre um labirinto e, a partir daí, a fantasia trará consequência para todos.

Exercícios propostos

7. B

Resolução

Segundo Aristóteles, o homem é um animal político, portanto a vida em comunidade é uma condição natural de sua existência. Em comunidade, cria regras, julga situações e exerce atividades públicas voltadas para o desenvolvimento da felicidade sua e da sociedade onde vive.

8. D

Resolução

Platão e Aristóteles apresentam sínteses de filosofias anteriores e, em seguida, os pontos com os quais concordam, os que criticam e os que apresentam superações. Essas sistematizações e proposições marcam o pensamento filosófico até os dias atuais, quando filósofos contemporâneos apresentam conclusões a partir de leituras de filosofias já milenares.

9. D

Resolução

Essas quatro causas são inerentes aos objetos da realidade e são passíveis de descobrimento a partir do uso da razão. Essa é uma forma de atingir o conhecimento sobre as coisas.

10. Resolução

Conforme a filosofia de Platão, existem dois mundos: o das ideias, onde se encontram as formas e os conceitos perfeitos de todas as coisas, e o sensível, onde se encontram os seres humanos racionais e as tentativas de construção de mundo a partir de ideias imperfeitas. Os seres humanos aprisionados correspondem aos habitantes do mundo sensível, e especialmente aqueles num estado maior de ignorância, que acreditam conhecer as verdadeiras coisas enquanto apenas conhecem ilusões imperfeitas. O prisioneiro que se liberta corresponde ao humano que busca conhecimento e, especialmente, ao filósofo, que se encarrega de usar a razão para alcançar as formas e conceitos perfeitos.

11. B

Resolução

A vida em comunidade, na filosofia clássica, está diretamente vinculada com a realização da natureza humana, a qual é social e política. Se afastada da vida em sociedade ou das funções políticas da vida social, a humanidade perde sua unicidade.

12. D

Resolução

A natureza da pólis consiste no funcionamento de uma ágora política, democrática, onde cidadãos expõem questões de ordem social e buscam soluções. É na pólis que o "animal político" se realiza plenamente, pois consegue utilizar sua razão, sua ética e seu discurso para superar problemas e propor soluções. Entretanto, caso a população seja excessivamente numerosa, está impossibilitada a discussão política, já que uma exposição

das demandas e o conseqüente debate e proposição de soluções não conseguem se efetivar. Há, portanto, de considerar um tamanho máximo para a dinâmica da política na pólis.

13. D

Resolução

A filosofia depende do questionamento racional sobre o “porquê” das coisas como são, em busca do conhecimento. Sócrates, expoente da filosofia clássica, definia a si mesmo como um “parteiro de almas” pelo motivo de atribuir à filosofia o papel de despertar a busca do conhecimento por todos, livrando-os da ignorância e falsas verdades, e não de fornecer respostas objetivas sobre tudo.

14. C

Resolução

Apenas um indivíduo que persegue a virtude, a partir da aquisição de conhecimentos e da reflexão sobre si mesmo e os propósitos de sua ação, pode-se tornar bom e justo. Essa é condição necessária para o governo político. Aquele que a si bem governa (ético e justo), uma cidade bem governa.

15. Resolução

a) A primeira afirmação refere-se ao mundo sensível, onde vivemos e onde produzimos interpretações imperfeitas sobre o que é o belo. A segunda afirmação refere-se ao mundo das ideias, onde habitam as ideias perfeitas e para onde devemos direcionar nossas interpretações, com o objetivo de nos aproximarmos da perfeição.

b) A ciência (ou filosofia) que objetiva atingir as verdades universais, denominada por Platão de Dialética. Dentre essas ideias atingidas, está a do belo.

16. A

Resolução

Segundo Aristóteles, o homem apenas realiza plenamente sua natureza quando executa atividades políticas nas cidades. Como é um animal político, é na vida em comunidade que cria regras, administra a justiça e exerce atividades públicas.

17. B

Resolução

A transcendência refere-se ao mundo das ideias, onde habita a verdadeira beleza. No mundo sensível, onde estamos, a beleza apresenta vários graus, de maior ou menor imperfeição. Compete à filosofia alcançar a essência de todas as coisas. A percepção, enfim, do belo, permite o alcance desse conceito que transcende o mundo sensível.

18. E

Resolução

Segundo Platão, o mundo das ideias contém as formas perfeitas, enquanto o mundo sensível produz ideias imperfeitas. São planos distintos, portanto, de fundamentos da realidade. O mundo sensível, entretanto, pode se aproximar do mundo das ideias, a partir do uso da razão e da filosofia.

19. E

Resolução

Aristóteles defende a filosofia da “justa medida”, da felicidade obtida por meio de uma razão que pondera lados e busca equilíbrio. O homem, animal político, pode obter isso com o uso do logos. Num cenário político, pode encontrar a justiça para uma vida em sociedade.

20. C

Resolução

Conforme ambos os textos, a cidadania é essencialmente vinculada com as atividades públicas, como a criação de regras, a administração da justiça e o próprio exercício de funções públicas. Segundo Aristóteles, o homem é um animal político, portanto, sua plenitude apenas se realiza quando executa tais funções citadas.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

4 FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA

Comentários sobre o módulo

Aproveite este módulo para esclarecer a importância da filosofia medieval. Refute a visão preconceituosa que considera a Idade Média um período obscuro (“idade das trevas”). Demonstre a importância dos filósofos e pensadores islâmicos para a estruturação da filosofia ocidental.

Para ir além

O físico, do cineasta alemão Philipp Stölzl, expõe a visão dos árabes em relação ao continente europeu no século XI, período dominado pelos tribunais da Inquisição. O enredo conta a história de um jovem inglês que deixa seu país para estudar em uma escola laica na região da Pérsia (atual Irã).

Exercícios propostos

7. D

Resolução

Tomás de Aquino fundamenta-se na filosofia clássica aristotélica, mas tem como característica original conciliar razão e fé. Em sua filosofia, busca compreender a existência de Deus a partir de imperativos racionais, que demonstram a existência divina.

8. D

Resolução

Ambos dedicam-se para a compreensão do princípio originário do mundo: para Anaxímenes, o ar; para Basílio, Deus. O primeiro, pré-socrático; o segundo, filósofo medieval.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

9. D

Resolução

Enquanto Agostinho é o principal expoente da filosofia patrística, em sua filosofia cristã fundamentada em Platão, Tomás de Aquino é o principal representante da filosofia escolástica, fundamentada em Aristóteles.

10. D

Resolução

Tomás de Aquino procura conciliar fé e razão, so-

bretudo a partir da filosofia de Aristóteles. Uma das principais características de sua filosofia é expor como a razão pode demonstrar a existência de Deus.

11. C

Resolução

Agostinho fundamenta sua filosofia a partir de Platão. O filósofo medieval mantém a defesa platônica sobre a existência de dois mundos: o inteligível e o sensível. Enquanto o primeiro concentra as ideias perfeitas e universais sobre todas as coisas, o segundo consiste no mundo material, onde os humanos criam suas vidas a partir de ideias imperfeitas. Agostinho, entretanto, associa esses dois mundos com a ideia cristã sobre Deus.

12. C

Resolução

A filosofia medieval procurou associar fé e razão. Enquanto Santo Agostinho fundamentou-se em Platão, São Tomás de Aquino fundamentou-se em Aristóteles.

13. D

Resolução

Santo Agostinho, e sua filosofia fundamentada em Platão, são o expoente da filosofia medieval patrística.

14. B

Resolução

A filosofia escolástica, medieval, buscou conciliar fé e razão. São Tomás de Aquino, seu representante maior, fundamentou-se na filosofia de Aristóteles para desenvolver seus pensamentos sobre fé e razão.

15. B

Resolução

Posterior à filosofia medieval, que inclusive influenciou na Reforma Protestante, o antropocentrismo objetiva que o humano, e sua livre interpretação sobre o mundo, estejam no centro da produção do conhecimento. Santo Agostinho e Tomás de Aquino concentraram-se na associação entre fé cristã e a razão segundo as filosofias, respectivamente, de Platão e Aristóteles.

16. C

Resolução

Podemos citar Santo Agostinho e São Tomás de Aquino como expoentes da filosofia medieval e a associação entre a fé cristã e, respectivamente, Platão e Aristóteles. No campo da filosofia, o renascimento significou um rompimento entre a filosofia clássica (grega) e a fé cristã. Os filósofos renascentistas produziram um caminho, para a filosofia, autônomo em relação à fé.

17. C

Resolução

Na filosofia patrística e na filosofia escolástica, de, respectivamente, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, persistem o uso da lógica filosófica quando esses filósofos associam, respectivamente, Platão e Aristóteles com a fé cristã. O excerto refere-se à mitologia que, quando passou a ser questionada, cedeu espaço para a reflexão filosófica racional e desprendida de crenças místicas.

18. C

Resolução

No trecho, Tomás de Aquino defende a necessidade de um dirigente para se atingir qualquer fim determinado. Justifica a necessidade de um dirigente apropriado para cada fim, para impedir que homens despreparados impeçam o sucesso. No caso do governo político, é necessário um monarca habilidoso como dirigente. É importante ressaltar que o trecho escolhido não especifica se “dirigente” deve ser um indivíduo (monarquia) ou um corpo de indivíduos (democrático ou não), mas o enunciado deixa claro tratar-se da monarquia. Apesar da citação não definir o objetivo da política como unificação da sociedade e bem comum, a alternativa C expressa essa concepção de Tomás de Aquino. Além disso, as demais alternativas escapam do foco da citação.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e

econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

19. D

Resolução

Em seu fundamento na filosofia de Platão, Agostinho afirma que a alma é uma realidade imaterial, metafísica, sendo a primazia da consciência típica de uma universalidade maior que a do mundo dos humanos.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. E

Resolução

O teocentrismo do universo foi concebido a partir de uma gradativa e minuciosa articulação de pensamentos e tradições filosóficas e científicas antigas, sobretudo gregas, com a estrutura teológica e filosófica do cristianismo. A metafísica e a física de Aristóteles, combinadas com o pensamento de São Tomás de Aquino, no século XII, produziram uma interpretação monumental sobre a criação e o funcionamento do cosmos que só seria contestada a partir do século XVI.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

Material exclusivo para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco

Material exclusivo  para professores
conveniados ao Sistema de Ensino
Dom Bosco